

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF GABRIEL PINTO DE ALENCAR

**O APOIO DE FOGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA CIRCULAR:
UMA DESCRIÇÃO DOS FATORES QUE FAVORECEM O SUCESSO DAS
OPERAÇÕES**

Rio de Janeiro

2021

CAP INF GABRIEL PINTO DE ALENCAR

**O APOIO DE FOGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA CIRCULAR:
UMA DESCRIÇÃO DOS FATORES QUE FAVORECEM O SUCESSO DAS
OPERAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em Defesa Nacional.

**Orientador: Maj Inf RENATO
CAVALCANTI FERREIRA**

Rio de Janeiro

2021

CAP INF GABRIEL PINTO DE ALENCAR

**O APOIO DE FOGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA CIRCULAR:
UMA DESCRIÇÃO DOS FATORES QUE FAVORECEM O SUCESSO DAS
OPERAÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção do grau de especialização em Ciências Militares.

Aprovado em ___/___/___

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj Inf – Presidente

RENATO CAVALCANTI FERREIRA – Maj Inf – 1º Membro

MÁRIO PAULO DAMASCENO – Cap Inf – 2º Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Coronel (Reserva) Ramon Antonio Nadal, do Exército dos Estados Unidos da América, pela disponibilidade e atenção dispensada a este autor, ao compartilhar valiosas experiências de combate, as quais agregaram um valor incomensurável à presente pesquisa.

Agradeço aos meus familiares, em especial aos meus pais, por todo o apoio e suporte que me proporcionaram profissionalmente, para que eu hoje pudesse envergar farda do Exército Brasileiro, e hoje cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.

Ao meu orientador, Maj Renato, e ao Cap Mario Paulo, pela dedicação, profissionalismo e paciência na condução da orientação dos trabalhos referentes a este Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

O apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular: uma descrição dos fatores que favorecem o sucesso nas operações. Rio de Janeiro: EsAO, 2021. Monografia.

Dentro do escopo das operações defensivas, a defesa circular é um tipo de operação onde uma tropa encontra-se isolada, sem Unidades vizinhas que possam proporcionar apoio direto, geralmente, dentro de território inimigo. Com a finalidade de garantir a sua sobrevivência, a sua dependência de um apoio de fogo eficiente se torna essencial para o cumprimento de suas missões. Visando um estudo sobre os aspectos de maior relevância para sucesso de uma operação tão peculiar, na qual uma tropa poderá encontrar-se muitas das vezes cercada por um inimigo mais forte, o presente trabalho tem por objetivo identificar os fatores que favorecem o sucesso das operações, desfrutando dos ensinamentos de tropas as quais colheram ensinamentos por meio da aplicação empírica de suas doutrinas em conflitos de grande vulto ao longo de sua História.

Palavras-chave: Defesa Circular, Operações defensivas, Apoio de fogo, Fatores de sucesso.

ABSTRACT

The Infantry Battalion fire support on perimeter defense: a description of the factors that favors success in the operations. Rio de Janeiro: EsAO, 2021. Monograph.

Within the scope of defensive operations, perimeter defense is a type of operation where a troop finds isolated, without neighboring Units that can provide direct support, usually within enemy territory. In order to maintain its survival, its dependency on an efficient Fire Support becomes essential for the fulfillment of its missions. Aiming at a study on the most successful aspects of such a peculiar operation, in which a troop can often find itself surrounded by a stronger enemy, the present work aims to identify the factors that favor the operations success, through lessons learned in combat, from troops that applied their doctrines in major conflicts throughout their history.

Keywords: Perimeter Defense, Defensive operations, Fire support, Success factors.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
1.1	PROBLEMA.....	10
1.1.1	Antecedentes do Problema.....	10
1.1.2	Formulação do Problema.....	10
1.2	OBJETIVOS.....	11
1.2.1	Objetivo Geral.....	11
1.2.2	Objetivos Específicos.....	11
1.3	QUESTÕES DE ESTUDO OU HIPÓTESE.....	11
1.4	METODOLOGIA.....	12
1.4.1	Objeto formal de estudo.....	12
1.4.2	Amostra.....	12
1.4.3	Delineamento da pesquisa.....	13
1.4.4	Procedimentos para revisão da literatura	13
1.4.5	Procedimentos Metodológicos.....	13
1.4.6	Instrumentos.....	14
1.4.7	Análise de dados.....	14
1.5	JUSTIFICATIVA.....	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	AS OPERAÇÕES DEFENSIVAS.....	16
2.1.1	A DEFESA CIRCULAR.....	18
2.1.2	O APOIO DE FOGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA E AS SUAS REPERCUSSÕES PARA A DEFESA CIRCULAR.....	21
2.1.3	CONSIDERAÇÕES PARA O EMPREGO DO APOIO DE FOGO.....	27
2.1.4	A FUNÇÃO DE COMBATE FOGOS E A SUA INTEGRAÇÃO COM AS DEMAIS FUNÇÕES DE COMBATE.....	30
2.2	ANÁLISE DE RESULTADOS EM CONFLITOS MILITARES.....	32
2.2.1	A BATALHA DE IA DRANG.....	33

2.2.2 LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE A BATALHA DE IA DRANG, SOB O PUNTO DE VISTA DE UM VETERANO DA BATALHA.....	39
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
4. CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48
APÊNDICE A – Perguntas ao Cel (reserva) Ramon Antonio Nadal, do Exército dos EUA.....	51
ANEXO A - SUGESTÃO DE ATUALIZAÇÃO DO CAP 5, ARTIGO IX, SEÇÃO 5-40, ITEM (e).....	55

1. INTRODUÇÃO

Conforme preconizado no manual de campanha C 7-20 – Batalhões de Infantaria (Brasil, 2017, p. 4-1), no decorrer das Operações militares, as operações defensivas caracterizam-se por uma ação temporária. Segundo os princípios de guerra preconizados pela atual doutrina militar terrestre, é apenas por meio da Ofensiva que se é possível impor ao inimigo a vontade de uma Força, determinando assim, os rumos do combate. O caráter transitório das ações defensivas possuem como uma de suas maiores finalidades a de reunir as condições ideais para a retomada das operações ofensivas, de modo a alcançar os Objetivos de uma Força. Dentro das Operações Defensivas, a Defesa Circular representa um grande desafio para a Força defensora, uma vez que os seus esforços devem ser direcionados em torno de 360° de uma posição, exigindo grande coordenação e planejamento para que sejam atingidos os objetivos da tropa num combate, muitas das vezes, sem frentes fortemente definidas.

Para vencer os obstáculos impostos pela natureza das operações em tela, o correto emprego do apoio de fogo como ferramenta decisora do combate tem se mostrado essencial no curso dos combates no decorrer da história militar. A Batalha do Vale Ia Drang, no Vietnã, a ser estudada no presente trabalho, evidencia a presente afirmação. Cabe ressaltar que o planejamento adequado possui grande repercussão no emprego desses meios.

Com a finalidade de verificar se a Doutrina Militar Terrestre acerca do tema em questão se encontra em sintonia com as atuais necessidades do Combate moderno, será realizada uma busca em manuais militares do Exército Brasileiro e de outros Exércitos sobre o assunto em pauta.

No anseio por respostas concretas, baseadas no emprego de tropas em combate, além da teoria, será realizado um estudo de conflitos nos quais Exércitos tenham enfrentado tais situações em conflitos reais, com a finalidade de verificar os fatores que levaram aos desfechos em suas histórias militares.

1.1 PROBLEMA

Na condução de operações defensivas, existe uma maior dificuldade na exploração do princípio de guerra da surpresa, em relação às operações ofensivas, dando a vantagem no emprego desse importante princípio de guerra às Forças atacantes. Tal situação gera naturalmente uma situação delicada àquele que tem por missão realizar uma defesa. O problema militar ainda pode ser agravado quando a defesa precisa ser realizada por uma tropa que se encontre afastada das linhas amigas, cercada, ou qualquer outra situação que a force realizar uma defesa num perímetro de 360°.

1.1.1 Antecedentes do Problema

Devido às grandes dificuldades envolvidas na condução de uma defesa circular, e a importância do correto emprego do apoio de fogo em prol desse tipo de operação, verificou-se a necessidade pela busca de conhecimento acerca do tema, com a finalidade de contribuir com a evolução da doutrina do Exército Brasileiro.

1.1.2 Formulação do Problema

Na execução de uma Defesa circular, diferentemente de uma defesa de área convencional, uma ruptura nas linhas de defesa pode facilmente alcançar o centro do dispositivo de toda a tropa defensora, causando um colapso em toda a operação. Tal situação, faz com que o correto emprego dos meios de apoio de fogo tenham alta relevância numa operação dessa natureza, atuando como um “escudo” para o dispositivo. A conclusão em epígrafe traz à reflexão o seguinte questionamento: Existem fatores específicos que podem ser explorados para o sucesso do apoio de fogo nas operações de defesa circular? Existe a necessidade de atualização do C 7-20 no tocante ao apoio de fogo na Defesa Circular?

1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem por finalidade a realização de uma pesquisa sobre o tema, visando a busca de conhecimentos que possam contribuir com a evolução da doutrina militar terrestre.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é citar e descrever os principais aspectos responsáveis pelo sucesso do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na Defesa Circular.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para atingir o objetivo geral do estudo, serão estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Definir o conceito de Operações Defensivas no Exército Brasileiro, traçando um comparativo com a doutrina do Exército dos EUA.
- b) Descrever a execução da Defesa Circular no Exército Brasileiro, traçando um comparativo com a doutrina do Exército dos EUA.
- c) Definir o conceito de apoio de fogos no Exército Brasileiro, traçando um comparativo com a doutrina do Exército dos EUA.
- d) Descrever a execução do apoio de fogos na defesa circular no Exército Brasileiro, traçando um comparativo com a doutrina do Exército dos EUA.
- e) Realizar a análise de um fato histórico envolvendo o emprego do apoio de fogo numa operação de Defesa Circular.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

- a) O que são as operações defensivas?
- b) O que é a defesa circular e como o Batalhão de Infantaria a realiza, considerando a doutrina brasileira e Norte-Americana?
- c) Quais são os meios de apoio de fogo à disposição de um Batalhão de Infantaria na condução de uma operação de defesa circular, dentro da doutrina brasileira e Norte-Americana?
- d) Quais aprendizados podem ser colhidos com os fatos históricos acerca do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular?

1.4. METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa documental, baseado em manuais de campanha brasileiros e dos Estados Unidos da América, se tem por finalidade avaliar a atual doutrina militar terrestre e o estudo de caso histórico militar quanto ao emprego do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na Defesa Circular.

1.4.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO

Por meio do estudo em tela, tem-se por finalidade analisar o emprego do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular. Para a delimitação do tema, serão pesquisados os principais fundamentos e procedimentos indissociáveis para a condução ao sucesso do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na Defesa Circular. Para isso, a condução do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na Defesa Circular será considerado como variável independente. Os fatores determinantes para o sucesso na condução do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular serão considerados como variável dependente.

1.4.2 AMOSTRA

Como amostra, serão consultados manuais de campanha militares, brasileiros e dos Estados Unidos da América, livros que contenham relatos históricos militares e produções científicas e doutrinárias cujos conteúdos tratem sobre apoio de fogo, defesa circular, operações defensivas e Doutrina Militar Terrestre.

1.4.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Será conduzida uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória

1.4.4 Procedimentos para revisão da literatura

A presente pesquisa será fundamentada basicamente na revisão de manuais de campanha militares e pesquisas documentais sobre fatos militares históricos sobre o tema em tela. Para isso, serão consultados manuais militares brasileiros e dos Estados Unidos da América acerca do tema, bem como a consulta às publicações, documentos e livros que tratem sobre a exploração de fatos históricos acerca do assunto.

Tal busca tem por finalidade realizar o cruzamento do conhecimento extraído dos materiais supracitados, para a verificação da existência de aprendizados que possam vir a contribuir com a evolução da Doutrina Militar Terrestre brasileira.

1.4.5 Procedimentos Metodológicos

Na busca pela solução do problema de pesquisa, objetiva-se uma coleta de dados, por meio de uma pesquisa exploratória. Tal pesquisa, a ser realizada com base em consultas documentais e bibliográficas, tem por finalidade subsidiar este trabalho com as informações necessárias para a identificação da existência de fatores que

favoreçam ao sucesso do emprego do apoio de fogo em prol do Batalhão de Infantaria na defesa circular.

Como critérios de inclusão serão verificadas a credibilidade da fonte e a relevância das informações para o trabalho. Como critério de exclusão, serão desconsiderados para uso nesse trabalho as informações provenientes de fontes não confiáveis.

1.4.6 Instrumentos

Por meio da pesquisa documental e bibliográfica sobre o tema, procura-se observar o ponto de vista de Exércitos de nações diferentes, bem como experiências em combate e seus aprendizados. Com base nisso, objetiva-se a compilação de diferentes óticas, com a finalidade de analisar as suas doutrinas, bem como a sua aplicação quando possível, com a finalidade de identificar a existência de condicionantes que favoreçam de modo decisivo nas operações para as Forças Defensoras.

Uma vez que se trata de um assunto dentro do escopo da Doutrina Militar Terrestre, os instrumentos para a busca de informações encontram-se limitados a busca em manuais militares, livros, artigos e publicações.

1.4.7 Análise dos Dados

Por meio das informações coletadas, procurar-se-á compreender a concepção do emprego do apoio de fogo, bem como as peculiaridades do Batalhão de Infantaria na Defesa Circular.

Utilizando uma análise descritiva, pretende-se analisar os dados obtidos, e de modo que como produto final obtenha-se o conhecimento da existência de pontos de inflexão para o sucesso das operações, bem como empregá-los.

1.3 JUSTIFICATIVA

Visando atender o previsto na Política Nacional de Defesa (PND), a busca pelo “estado da arte” no campo de atualizações doutrinárias, objeto do presente trabalho, tem por finalidade manter a Força Terrestre em condições de atender as suas missões constitucionais, no mais alto patamar, ampliando o seu poder de dissuasão.

Portanto, sendo a Defesa uma atividade preponderantemente voltada contra ameaças externas e considerando os aspectos constantes dos ambientes nacional e internacional, o Brasil concebe sua Defesa Nacional segundo os seguintes pressupostos, além dos princípios já previstos na Constituição Federal: **I. manter as Forças Armadas adequadamente** motivadas, **preparadas** e equipadas, a fim de serem capazes de cumprir suas missões constitucionais, e de prover a adequada **capacidade de dissuasão**. (Brasil, 2020, p. 21, grifo nosso)

A capacidade de dissuasão é representada pela influência de uma nação em desestimular a vontade de um inimigo em combater, evitando assim, os indesejáveis conflitos. Tal capacidade, só é possível de ser alcançada por meio da manutenção de Forças Armadas cujos pilares encontrem-se alinhados com as exigências do mundo atual. A constante evolução da Arte da guerra, torna imperativa a incessante busca por conhecimentos que possam contribuir com o desenvolvimento das atividades de Defesa de qualquer nação moderna.

As experiências e lições aprendidas de modo empírico por tropas em Combate possuem valor incomensurável, uma vez que os maiores aprendizados só podem ser colhidos por meio da análise e observação da aplicação da teoria em Campo. Luís de Camões já citava em sua obra “Os Lusíadas”, em seu canto X, “A disciplina militar prestante, não se aprende Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando.” Com base nesse raciocínio, a análise de conflitos militares, suas experiências e conhecimento produzido serão objeto de estudo neste trabalho, com a finalidade de contribuir com a evolução da atual Doutrina Militar Terrestre.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No intuito de atender os objetivos da presente pesquisa, foi realizada uma busca pela documentação doutrinária vigente no Exército Brasileiro e no Exército dos Estados

Unidos da América sobre o apoio de fogo nas operações defensivas, bem como sobre a defesa circular.

Com a finalidade de avaliar os efeitos práticos de seu emprego, serão objeto de pesquisa a análise fatos históricos militares que possam servir de subsídio para a obtenção de conhecimento empírico sobre o tema.

A compreensão da doutrina de emprego do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular, suas finalidades, a organização, o material existente para a execução de suas tarefas possuem grande relevância no decorrer do presente trabalho. Tal busca, trata também de uma procura pelas condicionantes que se bem exploradas possam representar a vitória no contexto das operações militares.

2.1 AS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

Segundo o manual de Campanha C 7-20 - Batalhões de Infantaria (Brasil, 2017, p. 5-1), “Somente a ofensiva conduz a resultados decisivos. A defensiva é uma atitude temporária adotada por uma força até que possa tomar ou retomar a iniciativa.” Dentre as diversas finalidades das Operações Defensivas, observa-se no combate moderno uso das mesmas para que a tropa tenha a capacidade de reunir forças e as condições necessárias para a retomada da Ofensiva, uma vez que apenas esta conduz uma Força ao rumo da vitória.

Por meio da história militar, observamos que aqueles que deixaram de valorizar as suas medidas ofensivas em detrimento das defensivas, sofreram graves repercussões negativas para a proteção de suas Forças. Tal fato ficou claramente evidenciado com a construção da “Linha Maginot”, entre 1930 e 1936, no norte do território francês. A França, após a sua experiência sofrida na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), numa guerra eminentemente estática, também conhecida como a guerra de trincheiras, desenvolveu o seu ambicioso projeto de construção de uma linha de Defesa “intransponível”, como era conhecida, na sua faixa de fronteira entre a Alemanha e a Itália. Suas defesas eram compostas de tecnologia militar de ponta para a época, no entanto, a mesma não impediu a invasão de seu país no início da 2ª Guerra Mundial. Por meio de um meticuloso planejamento, fazendo uso principalmente do movimento e manobra, as Forças Alemãs foram capazes de desbordar as fortes defesas Francesas,

causando uma rápida e devastadora derrota militar àquela nação, num combate que levou apenas 46 dias, até a completa conquista daquele território.

Tendo principalmente campanhas militares passadas como experiência, observamos a importância da correta condução das operações Defensivas. Mesmo com o aprendizado citado acima, onde apenas a Ofensiva leva a conquista de objetivos militares de grande relevância, existem situações nas quais a Defensiva é inevitável, principalmente quando existe a necessidade para que a tropa reúna melhores condições para o combate, seja para a reunião de meios, para a condução de planejamentos, ou eventuais necessidades táticas que demandem mais tempo. Outra situação que também pode ocorrer para o seu emprego, é o uso conjunto com ações ofensivas, com a finalidade de alcançar a conquista de objetivos militares. Confirmando estas afirmações, encontramos amparo na doutrina militar terrestre vigente, por meio do manual de Campanha 10.223 – Operações. Nele, observamos a seguinte definição no escopo das operações defensivas:

Podem ser **impostas momentaneamente pela impossibilidade de se realizarem ações ofensivas contra um inimigo** em presença. Entretanto, o comandante pode deliberadamente empreender operações defensivas em combinação com a dissimulação, por exemplo, para destruir o inimigo. Ocorrem normalmente sob condições adversas, tais como inferioridade de meios e/ou limitada liberdade de ação. (Brasil, 2017, p. 3-8)

Por meio de uma consulta ao manual ATP 3-21.20 The Infantry Battalion, em seu capítulo dedicado às Operações defensivas, percebemos muitas semelhanças com a doutrina militar do EB, principalmente quanto a necessidade de um comportamento Ofensivo para o êxito:

O batalhão de infantaria realiza tarefas defensivas **para derrotar os ataques inimigos**, ganhar tempo, controlar terrenos-chave, proteger a infraestrutura crítica, proteger a população e economizar forças. **Mais importante ainda, o batalhão estabelece condições para a transição para o ataque** ou operações focadas em estabilidade. **Tarefas defensivas por si só não são decisivas**, a menos que combinadas com tarefas ofensivas para surpreender o inimigo, atacar as fraquezas inimigas e perseguir ou explorar as vulnerabilidades do inimigo. Mesmo dentro da conduta de defesa da equipe de combate de brigada de infantaria (IBCT), o batalhão de infantaria explora oportunidades para realizar ações ofensivas dentro de sua área de atuação para privar o inimigo da iniciativa, e criar as condições para assumir a ofensiva. (EUA, 2017, p.3-1, grifo nosso, tradução nossa)

As semelhanças doutrinárias entre Brasil e Estados Unidos da América são bem nítidas, de acordo com as definições supracitadas. A adoção de uma postura defensiva fica caracterizada pela impossibilidade do emprego de ações ofensivas num determinado momento. Ganhar tempo para a realização de preparativos mais próximos aos ideais para o enfrentamento de uma Força inimiga deve ser o principal objetivo e essência das operações defensivas.

Um fator que desperta a atenção para o sucesso de uma operação militar dessa natureza, é a sua grande preocupação com o seu planejamento e mentalidade por trás de suas ações, e não necessariamente ação propriamente dita.

2.1.1 A DEFESA CIRCULAR

O conceito de Defesa Circular na Doutrina Militar Terrestre Brasileira é encontrado no Manual de Campanha C 7-20 – Batalhões de Infantaria:

A defesa circular é uma variante da defesa de área, na qual uma unidade fica disposta de modo a fazer frente simultaneamente a um ataque inimigo partido de qualquer direção. Quando esse dispositivo de defesa circular se apresentar em posições organizadas ou fortificadas, com adequado sistema de barreiras e dotados de todos os meios, especialmente de apoio de fogo e suprimentos, para suportar ações prolongadas, ainda que ultrapassados, constituir-se-á em um ponto forte. (BRASIL, 2007, p 5-94.)

A finalidade desta modalidade de defesa de área encontra definição no manual no Manual de Campanha MC 10.202 – Operações Ofensivas e Defensivas:

Sua finalidade é impedir o acesso do inimigo à área defendida, sendo orientada em todas as direções (360°). Esse dispositivo é adotado para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas, como, por exemplo, numa cabeça de ponte aérea (aeroterrestre ou aeromóvel), pontes, pistas de pouso, zonas de reunião, zonas de pouso de helicópteros, ou quando uma unidade é cercada pelo inimigo. (BRASIL, 2017, pg 4-32)

A organização da defesa circular é organizada conforme o Manual de Campanha C 7-20 (Brasil, 2007, p. 5-96), em área de segurança, área de defesa avançada e área de reserva. “Os dispositivos do Btl na defesa circular podem variar de acordo com a definição da provável direção de ataque inimigo, com o terreno e com os planos para futuras operações.” (Brasil, 2007, p. 5-97)

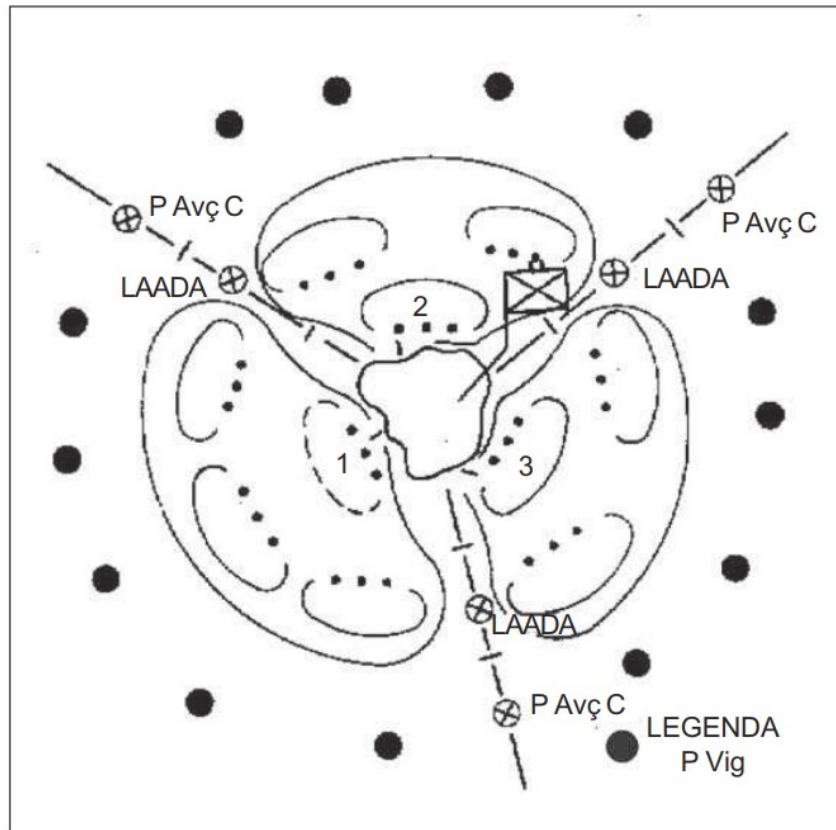


Figura 1: O batalhão na defesa circular. Três companhias no perímetro.
Fonte: BRASIL, 2003, p. 5-98

Dentro da Doutrina do Exército do EUA, a Defesa circular encontra amparo no manual ATP 3-21.20 – *Infantry Battalion*:

Uma defesa de perímetro é uma defesa orientada em todas as direções. Uma defesa de perímetro, em sua organização, tem uma área interna de segurança com a maior parte do poder de combate localizada no perímetro. Os perímetros variam em forma dependendo do terreno e da situação, com a forma do perímetro em conformidade com as características do terreno de forma que haja o melhor proveito para a observação amiga e campos de tiro. O comandante em uma defesa de perímetro designa o traçado do perímetro, as posições de batalha, os pontos de contato e os limites laterais e avançados. Quando o comandante determina a direção mais provável do ataque inimigo, a parte do perímetro que cobre aquela abordagem pode ser reforçada com recursos adicionais. **O comandante emprega patrulhas, incursões, emboscadas, ataques aéreos e fogos de apoio para perseguir e destruir as forças inimigas antes que façam contato com o perímetro.** O comandante aumenta a eficácia do perímetro amarrando-o a um obstáculo natural, como um rio, o que permite que a unidade defensora concentre seu poder de combate em áreas mais ameaçadas. Normalmente, a reserva se localiza centralmente para reagir a uma penetração do perímetro em qualquer ponto. (EUA, 2017, P.3-4, tradução nossa, grifo nosso)

Dentro da organização do perímetro, observa-se a importância do apoio de fogo para a defesa circular, uma vez que se tem como objetivo a eliminação do inimigo antes de sua aproximação do perímetro defensivo.

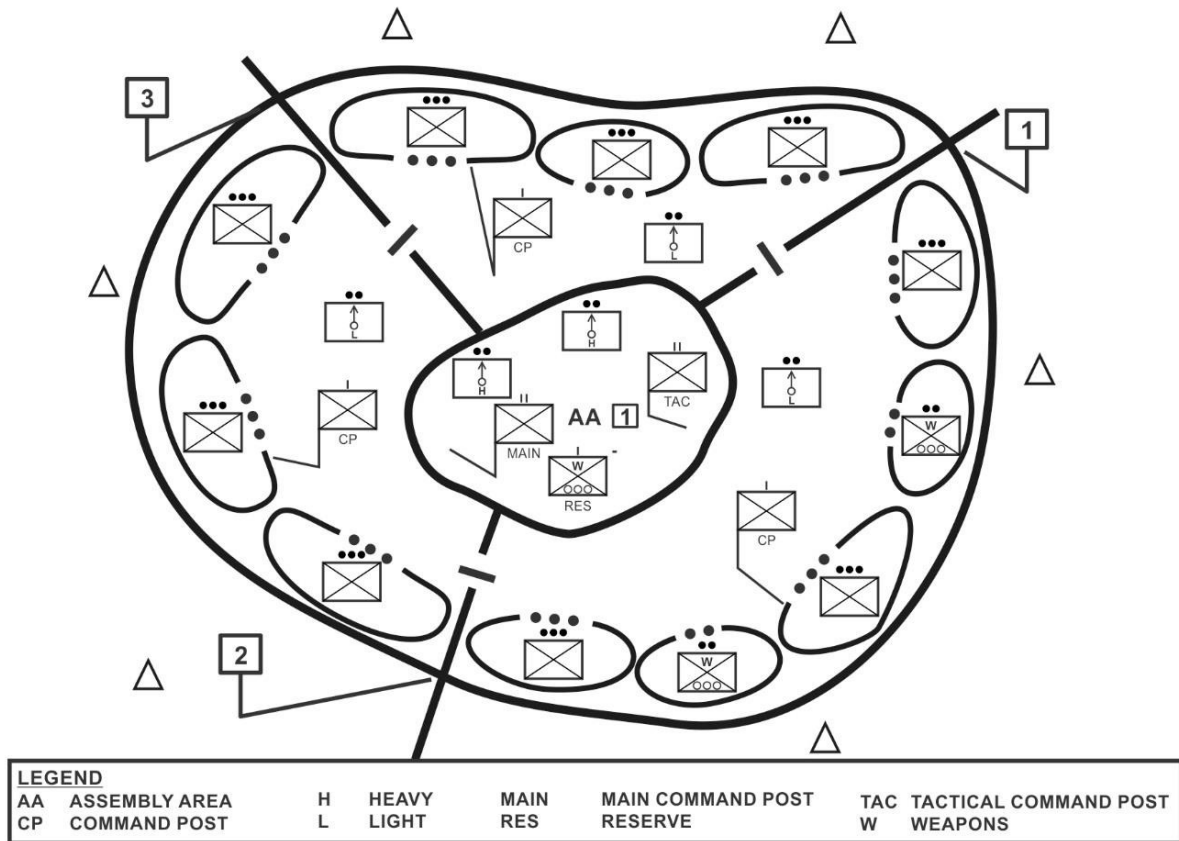


Figura 2: Defesa de perímetro (Cia Fuz posicionadas à frente)
Fonte: EUA, 2017, p. 3-5

Quanto a sua finalidade e execução, o Batalhão pode ser empregado numa defesa circular quando conduzindo uma defesa de área ou uma defesa móvel. É empregada quando existe a necessidade de manter áreas críticas para as operações, como um ponto forte, ou deve defender uma faixa do terreno não-contígua na qual o batalhão não possui o apoio de Unidades adjacentes. Tal modalidade de Defesa é comumente conduzida no transcurso de operações aeroterrestres e aeromóveis, quando ultrapassado e isolado pelo inimigo, e existe a necessidade da realização de uma defesa em posição, ou ao defender um objetivo isolado, tais como pontes e aeródromos. Excetuando-se as operações de estabelecimento de ponto forte, a defesa circular geralmente não necessita de muitos recursos ou tempo para a sua execução. Os pré-requisitos para o sucesso na defesa circular estão em patrulhamento ofensivo e operações de segurança na parte externa do perímetro. (EUA, 2017, p. 3-5)

A realização de uma defesa circular pode ocorrer em virtude de situações inesperadas, principalmente onde as tropas encontram-se isoladas e cercadas. Em

situações nas quais um Batalhão de Infantaria encontra-se cercado por forças inimigas, o Exército dos EUA prevê como procedimentos para as suas ações o seguinte:

O batalhão de infantaria quando cercado pode continuar a defender, conduzir uma fuga do cerco, exfiltrar em direção a outras forças amigas ou atacar mais profundamente em território controlado pelo inimigo. Ao defender cercado, o batalhão normalmente estabelece um perímetro em terreno restritivo, idealmente controlando um ponto de estrangulamento ou outro terreno importante. A forma de manobra do batalhão, uma vez que é cercado, depende da intenção do comandante e as variáveis de missão do METT-TC, incluindo:

- Disponibilidade de terreno defensável.
- Poder de combate relativo das forças amigas e inimigas.
- Status de sustentação e capacidade de reabastecer a força cercada.
- Capacidade de tratar e evacuar soldados feridos.
- Moral e capacidade de luta dos soldados.

(USA, 2017, p.3-14, tradução nossa)

A defesa de uma posição cercada, na situação de uma defesa circular, possui algumas peculiaridades que essa natureza de operação apresenta. A impossibilidade, ou a grande dificuldade da realização de um retraimento caso necessário, a dificuldade para a realização de ressuprimento, a ausência de tropas amigas dispostas no terreno para o apoio, tornam o apoio de fogo o meio mais nobre para conservação da manutenção da liberdade de ação da tropa defensora. O Seu correto planejamento e emprego não podem ser em hipótese alguma negligenciados.

2.1.2 O APOIO DE FOGO DO BATALHÃO DE INFANTARIA E AS SUAS REPERCUSSÕES PARA A DEFESA CIRCULAR

No âmbito do Batalhão de Infantaria, o Apoio de Fogo é atribuído à Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap), cuja constituição é a seguinte:

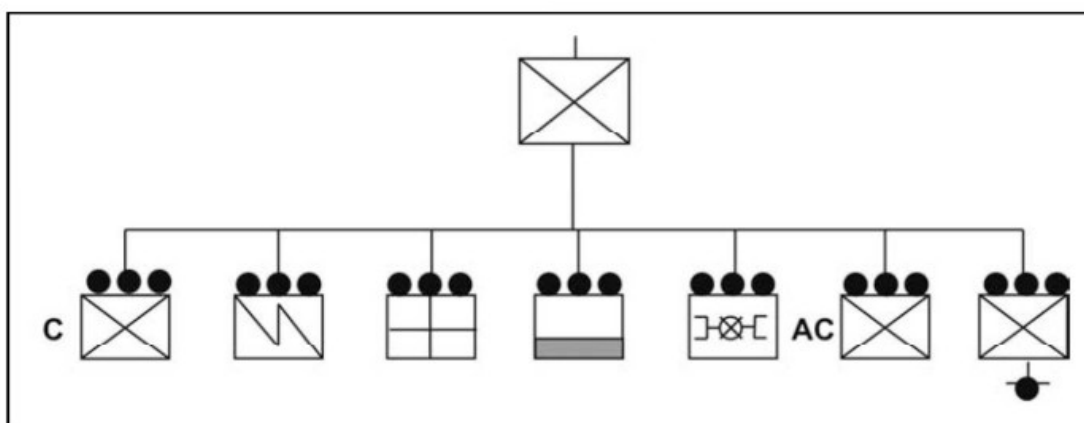


Figura 3: Organograma da Cia C Ap
Fonte: Brasil, 2002, p. 1-9

Dentro da constituição ilustrada acima, observamos um Comando, um Pelotão de Comando, um Pelotão de Comunicações, um Pelotão de Saúde, um Pelotão de Suprimento, um Pelotão de Manutenção e transporte, um Pelotão Anticarro e um Pelotão de morteiros. (Brasil, 2002, p. 1-8)

Para fins de estudos do apoio de fogo orgânico do Batalhão de Infantaria, tem-se como principais atores o Pelotão de morteiros e o Pelotão Anticarro. Tais Frações possuem as seguintes possibilidades:

- (1) A Cia C Ap, **por meio do Pel Mrt**, tem as seguintes possibilidades:
 - (a) concentrar um grande número de granadas na Zona de Combate; ser empregado para neutralizar ou destruir zona de alvos e alvos isolados;
 - (b) lançar cortina de fumaça em largas zonas e mantê-las durante longo período de tempo;
 - (c) iluminar determinada área;
 - (d) atirar de zonas cobertas ou ocultas;
 - (e) atingir objetivos situados em zonas desafiadas, além da sua principal possibilidade tática: emassar fogos com surpresa.
- (2) **Por intermédio do Pel AC**, a companhia poderá bater carros de combate, viaturas mecanizadas, posições fortificada ou abrigadas, casamatas, barricadas e, eventualmente, pessoal. O armamento de dotação poderá ser missil AC (médio ou longo alcance) ou Canhão Sem Recuo (CSR) fixado a uma viatura.
- (3) Sendo CSR, a cadência máxima rápida deve ser tal que não ultrapasse um tiro a cada 6 (seis) segundos para um período de esfriamento de 15 (quinze) minutos entre duas cadências rápidas. (Brasil, 2002, p. 1-9, grifo nosso)

Quanto às suas limitações, observamos as seguintes observações constantes em nosso manual de Companhia da Companhia de Comando e Apoio:

- (1) Movimento através campo limitado pelo peso e quantidade dos armamentos orgânicos, dos itens de suprimento, particularmente munição, e da quantidade de viaturas a serem empregadas.
- (2) Apoio contínuo de fogos pode ser limitado por possíveis dificuldades de remuniamento, em decorrência das características do terreno, da ação do inimigo e da quantidade e tipo de viaturas disponibilizadas. (Brasil, 2002, p. 1-10)

O Pelotão de Morteiros da Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap) de um Batalhão de Infantaria Motorizado, possui a constituição representada a seguir, divergindo em materiais e constituição dependendo da natureza da tropa:

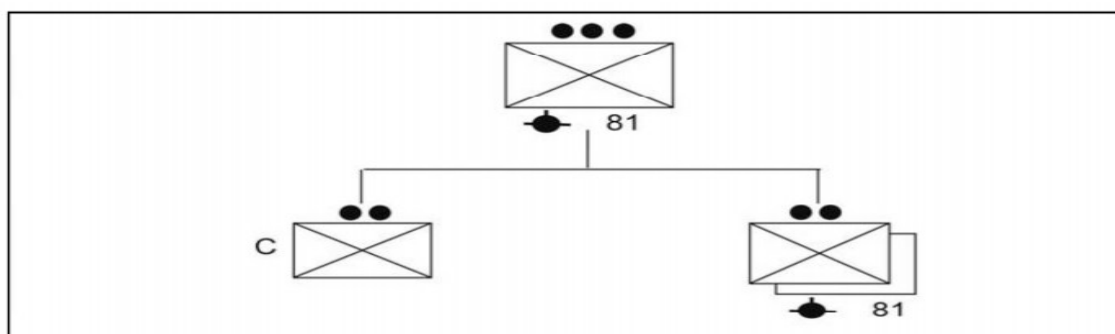


Figura 4: Organograma do Pel Mrt Cia C Ap
Fonte: Brasil, 2002, p. 10-2

O Pelotão de morteiros da Cia C Ap possui a capacidade de realizar os seguintes tipos de fogos:

a. Classificação dos tiros

(1) Os tiros dos morteiros são classificados quanto a sua finalidade tática (ou efeito desejado), quanto à forma, observação e grau de previsão.

(2) Quanto à finalidade tática ou efeito desejado

(a) Tiro de regulação

1) Desencadeado para obter os dados necessários à precisão dos tiros subsequentes.

2) A não ser quando se emprega pontaria direta, normalmente requer muito tempo e munição. A observação nesse caso é essencial.

3) Os morteiros e a artilharia leve não são as armas mais indicadas para este tipo de tiro. Estes são mais próprios às artilharia média e superior.

(b) Tiro de destruição

1) Desencadeado para destruir alvos materiais (PC, Vtr, etc).

2) A não ser quando se emprega pontaria direta, normalmente, requer muito tempo e munição. A observação nesse caso é essencial.

3) Os morteiros e a artilharia leve não são as armas mais indicadas para este tipo de tiro. Estes são mais próprios às artilharia média e superior.

(c) Tiro de neutralização

1) Desencadeado com a finalidade de reduzir a eficiência do inimigo, interrompendo movimentos e ações, forçando-o a abrigar-se, dificultando a observação e o fogo de suas armas e restringindo sua liberdade de ação, podendo ou não causar baixas.

2) São, em geral, intermitentes e podem ser realizados até por uma só peça.

(d) Tiro de inquietação

1) Desencadeados com a finalidade de impedir ou restringir ao inimigo a utilização de uma área ou ponto.

2) Os alvos mais indicados são os cruzamentos de estradas, pontes, passos, desfiladeiros e Z Reu.

3) Comparados com uma concentração, são menos densos e utilizam menos material.

(e) Outros efeitos – Determinados tiros são realizados com munições especiais, visando a determinados efeitos, tais como: cegar P Obs, cortinas de fumaça, sinalização, iluminação, balizamento, etc.

Contando com duas seções de morteiros, com 3 peças cada, os quais podem ser médios (81 mm) ou pesados (120 mm), dependendo da natureza da tropa, cada Batalhão de Infantaria conta com seis peças de morteiro. (Brasil, 2002, p. 10-4) Sendo o Pel Mrt do Batalhão de Infantaria o principal meio de apoio de fogo da Unidade, considerando-se a condução de uma defesa circular, verifica-se que a atribuição de uma área com 360° em torno do perímetro defensivo do Batalhão para tal fração, pode caracterizar-se como uma atividade desafiadora. Uma faixa tão amplo do terreno pode acabar exigindo constantes mudanças de posição para a execução do tiro, atividade que demanda um tempo valioso durante a condução das ações de defesa. Dependendo da situação tática na qual a Unidade se encontre, existe uma grande possibilidade de que esta faixa do terreno seja muito ampla para as suas capacidades, visando uma alta eficácia para repelir as tropas inimigas, prejudicando desse modo o seu desempenho.

O Pelotão anti carro da Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap) de um Batalhão de Infantaria Motorizado, possui a constituição representada a seguir, divergindo em materiais e constituição dependendo da natureza da tropa:

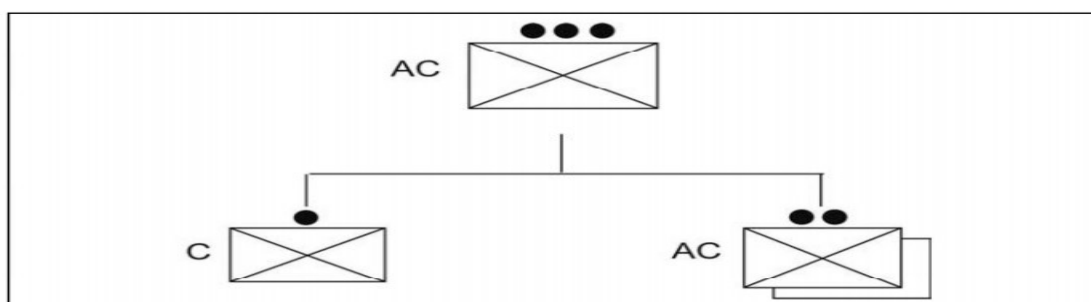


Figura 6: Organograma do Pel AC Cia C Ap
 Fonte: Brasil, 2002, p. 9-2

Contando com duas seções anti carro com duas peças cada, o Batalhão de Infantaria conta com quatro peças anticarro. (Brasil, 2002, p. 9-3) Considerando os meios anticarro orgânicos de um Batalhão de Infantaria, verifica-se que o seu número limitado de peças propiciará a atribuição de amplas faixas de terreno dentro de uma frente de 360° de uma defesa circular, no intuito de cobrir todo o perímetro da Unidade. O emprego judicioso de tais meios requerem um sábio planejamento, sendo utilizados geralmente para barrar as principais vias de acesso do inimigo, deixando as demais faixas do terreno desguarnecidas.

Em virtude do apoio de fogo Orgânico do Batalhão de Infantaria na defesa circular, o seu apoio logístico fica restrito em virtude das dificuldades para o seu ressurgimento. As medidas de coordenação e controle, seja para o apoio de fogo propriamente dito, bem como para o seu apoio logístico, merecem uma maior atenção, devido as frentes da Subunidade ampliaram-se consideravelmente, à medida que se afastam do centro do dispositivo. (Brasil, 2002, p 1-20)

Sobre a importância da logística para o apoio de fogo, cabe ressaltar que:

A logística é importante para as unidades de apoio de fogo no sentido de que permitam a liberdade de ação e a possibilidade de durar na ação, ampliando o seu alcance operativo. Esse apoio permeia tarefas como apoio logístico, pessoal, serviços e saúde, assegurando aos comandantes das unidades de apoio de fogo os meios necessários ao cumprimento de sua missão. (Brasil, 2005, p. 2-9, grifo nosso)

Logo, em virtude das dificuldades impostas pelas restrições ligadas ao ressurgimento na defesa circular, cabe ressaltar a vital importância do uso judicioso de seus meios. Uma vez não sendo possível alterar-se a realidade imposta pelas particularidades da operação em tela sob esse aspecto, grande atenção deve ser dada ao seu planejamento logístico. Desse modo, a Unidade poderá garantir a sua liberdade de ação.

Traçando um paralelo com a doutrina e organização para o combate entre o EB e o Exército dos EUA, o apoio de fogo nível Unidade naquele Exército é atribuído ao Pelotão de morteiros da Companhia de Comando (Mortar platoon/ Headquarters Company), e à Companhia de Armas (Weapons Company).

No Exército dos EUA, observamos uma organização um pouco diferente quanto à distribuição de meios, e a sua adaptabilidade para as suas missões em relação ao EB.

Atualmente, encontra-se em voga no Exército dos EUA o conceito de “Arms room concept” (“Conceito da sala de armas” – tradução nossa), o qual preza pelo treinamento de sua tropa com diferentes sistemas de armas, e dependendo das particularidades de cada missão, devem ser empregados os armamentos que melhor se adaptem à mesma. (EUA, 2017, pg D-2)

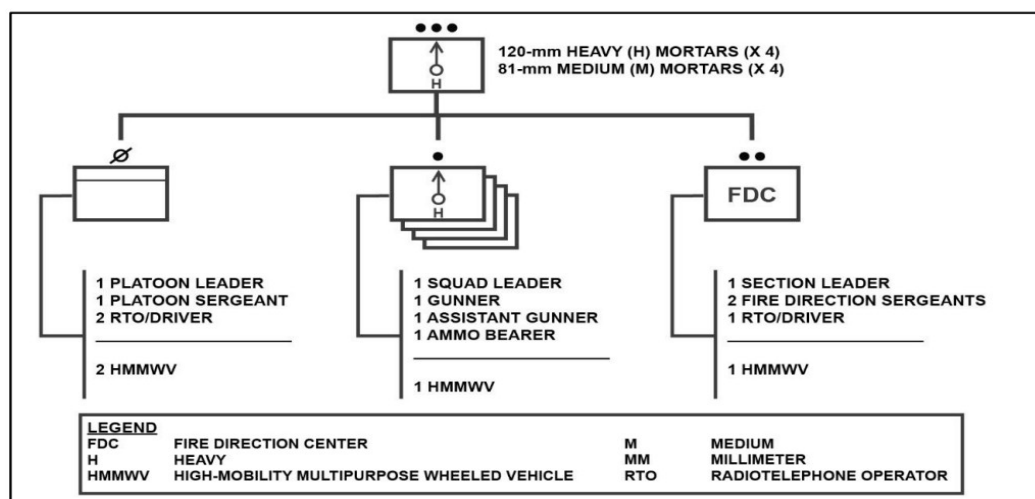


Figura 8: Organograma do Pel Mrt/Cia Cmdo/EUA
Fonte: EUA, 2017, p. 1-18

Tendo a denominação de Pelotão de morteiros do Batalhão, esta fração tem a atribuição de prover fogos indiretos de modo imediato para apoiar as manobras das SU ou da própria Unidade. O Pelotão consiste em uma fração de comando, uma central de direcionamento de fogos e quatro Seções de morteiros. A central de direcionamento de fogos tem por finalidade controlar e direcionar os tiros de maneira eficiente. As suas seções de morteiros são equipadas com morteiros de 81mm e de 120mm, mas são apenas autorizadas a operação de um sistema de armas por vez (Atendendo o “arms room concept”). O Pelotão de morteiros carrega os quatro morteiros médios (81 mm) para operações nas quais não seja possível o emprego de viaturas. O Pelotão é equipado com viaturas para transportar os morteiros. (EUA, 2017, p 1-17)

Cabe ressaltar, que diferentemente da doutrina brasileira, a possibilidade de possuir morteiros 120 mm e 81 mm na mesma unidade, traz uma grande flexibilidade no emprego dos fogos.

Quanto aos tipos de fogos realizados pelo pelotão de morteiros do Exército dos EUA, verificamos que possuem as seguintes capacidades:

Cada sistema de morteiros pode fornecer três tipos principais de fogos de morteiro, da seguinte forma:

- **Tiros Alto explosivos** são usados para suprimir ou destruir infantaria desembarcada inimiga, morteiros e outras armas de apoio e interditar o movimento de tropas, veículos e suprimentos no zona de ação inimiga. Tiros de fósforo branco são frequentemente misturadas com cargas alto explosivas para melhorar seus efeitos supressivos e destrutivos. [Ver ATP 3-09.32 para informações sobre munição de morteiro guiada de precisão (apenas 120 mm)]

- **Tiros de obscurecimento** são usadas para ocultar forças amigas enquanto manobram ou atacam, e para cegar as armas de apoio inimigas. Obscurantes também podem ser usados para isolar uma parte da força inimiga enquanto ela está destruída em partes. Alguns tiros de morteiro usam cargas de fósforo branco para atingir esse obscurecimento. Fósforo branco pode ser usado para marcar alvos para engajamento por outras armas, geralmente para aeronaves e para sinalização.

- **Tiros de iluminação**, incluindo iluminação infravermelha, são usadas para revelar a localização das forças inimigas escondidas pela escuridão. Eles permitem que o comandante confirme ou negue a presença do inimigo sem revelar a localização das armas de fogo diretas amigas. Fogos de iluminação são frequentemente coordenados com fogos alto explosivos tanto para expor o inimigo quanto para matar ou suprimir o inimigo. (EUA, 2017, p. 1-18, grifo nosso, tradução nossa.)

A Companhia de Armas de Infantaria (“Infantry Weapons Company”) é equipada de modo ímpar com armas pesadas para apoiarem as manobras dos pelotões de fuzileiros dentro de um Batalhão de Infantaria. As armas pesadas à disposição desta fração são selecionadas de acordo com as características da missão que a Unidade irá enfrentar, baseadas nas variáveis da missão. As Companhias de armas são equipadas com quatro tipos de armas pesadas. À sua disposição, para equiparem as viaturas orgânicas da Companhia de maneira modular, encontram-se os mísseis TOW, Sistemas de aquisição de alvos (ITAS), lançadores de granadas de 40mm MK 19, metralhadoras M2 .50 e metralhadoras M240 (7,62mm OTAN). Tais sistemas de armas são montados em suas viaturas de acordo com as variáveis da missão. (EUA, 2017, pg D-2)

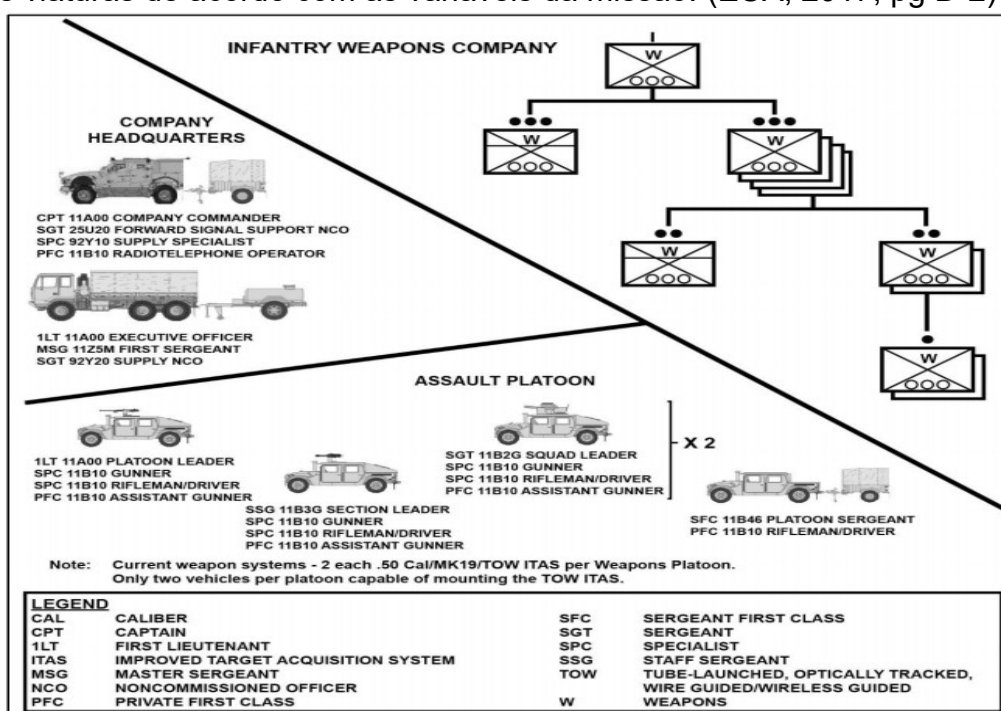


Figura 9: Organograma da Cia de Armas de Infantaria/EUA
Fonte: EUA, 2017, p. D-2

2.1.3 CONSIDERAÇÕES PARA O EMPREGO DO APOIO DE FOGO

Para o emprego do apoio de fogo do Batalhão de Infantaria na defesa circular, segundo a doutrina militar do EB, tem-se preconizado o seguinte:

O emprego das armas de apoio orgânicas e em reforço, são, de um modo geral, idênticos ao de uma defesa de área.

(1) As metralhadoras dos elementos em reserva podem ser empregadas no LAADA, para reforçar a defesa no perímetro.

(2) As armas anticarro são normalmente, empregadas no LAADA para bater alvos de diversas natureza, reforçando os fogos das demais armas.

(3) Os CC em reforço ao Btl podem ser mantidos em zona de reunião, integrar a reserva ou serem colocados em posição de tiro no LAADA. Mesmo quando empregados como reserva, são preparadas posições de tiro principais e suplementares para os carros, de modo a bater todas as Via A e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos contra-ataques.

(4) O **emprego das armas de tiro indireto deve permitir bater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção**. Os fogos disponíveis para o batalhão, provenientes de armas de apoio localizadas fora do perímetro, devem ser coordenados e integrados no plano de defesa da unidade. (Brasil, 2007, p. 5-99, grifo nosso)

Para alcançar seus objetivos, “O defensor esforça-se para diminuir as vantagens pertinentes ao atacante, **escolhendo uma área de engajamento**, forçando-o a reagir em conformidade com o plano defensivo (...)” (Brasil, 2017, p 4-2). Com essa finalidade a nossa força baseia o seu planejamento nos fundamentos das operações defensivas:

a) apropriada utilização do terreno; b) segurança; c) apoio mútuo; d) defesa em todas as direções; e) defesa em profundidade; f) flexibilidade; g) máximo emprego de ações ofensivas; h) dispersão; i) utilização do tempo disponível; e j) integração e coordenação das medidas de defesa. (Brasil, 2017, p 4-2)

Ao citar em especial quanto ao fundamento flexibilidade, é importante ressaltar que “A mobilidade da reserva, **os fogos** e os meios de guerra eletrônica fornecem ao comandante a liberdade necessária para conduzir o combate defensivo.” (Brasil, 2017, p. 4-5, grifo nosso). A liberdade do Comandante neste tipo de operação, depende diretamente da qualidade de seu apoio de fogos.

Segundo a doutrina militar terrestre, os princípios para o emprego do apoio de fogo são:

a) centralização do comando, com possibilidade de descentralização da execução, de acordo com a situação tática;
 b) oportunidade e continuidade do apoio de fogo;
 c) obtenção e manutenção da superioridade de fogos; e

d) profundidade. (Brasil, 2017, p. 2-10)

Observa-se que tanto a doutrina brasileira quanto a dos EUA atribuem importante papel para o apoio de fogo na defesa circular. Em particular, na doutrina americana, que a seleção do terreno onde ocorrerá a batalha é uma vantagem de quem monta as defesas, logo, deve ser usado com sabedoria. Esta seleção, está diretamente relacionada com a otimização do seu apoio de fogo:

O comandante do batalhão **explora as vantagens de ocupar o terreno** onde a batalha ocorrerá e posicionar o batalhão para enfrentar o atacante de locais que dão vantagem à força defensora. Esses locais podem incluir desfiladeiros, rios, bosques densos, pântanos, penhascos, canais, áreas construídas e encostas reversas. (...) **O comandante seleciona o terreno que permite a concentração de fogos** amigos, mas força o inimigo a comprometer forças gradadamente em áreas de combate amigas, **expor partes da força inimiga para destruição**, sem abrir mão das vantagens de lutar de posições protegidas. (EUA, 2017, pg 3-2, grifo nosso, tradução nossa)

Sobre os procedimentos do apoio de fogo na defesa circular, fica clara a necessidade de que o inimigo seja abatido na maior distância possível do perímetro de defesa. Antes que o inimigo entre na área de defesa avançada ou na área de segurança, o Batalhão de Infantaria deve iniciar os seus fogos, conforme observa-se em seu manual “Batalhões de Infantaria”:

Os fogos indiretos engajam o inimigo o mais à frente possível do perímetro e podem apoiar o batalhão de dentro ou de fora do perímetro. Os fogos disponíveis de fora do perímetro são coordenados e integrados no plano defensivo geral. Usando **o apoio de fogo de fora do perímetro conserva a munição de dentro do perímetro.** (EUA, 2017, pg 3-8, grifo nosso, tradução nossa)

Conforme verificado na passagem supracitada, infere-se que o engajamento do inimigo na maior distância possível, além de favorecer a sua neutralização antes mesmo que possam oferecer qualquer ameaça às nossas tropas, também favorece para reduzir as possibilidades de fratricídio. A existência de um apoio de fogo situado fora do perímetro das defesas, além de favorecer na economia de munição para o apoio de fogo situado no interior do perímetro, também reduz as demandas oriundas de um eventual ressuprimento numa área possivelmente cercada pelo inimigo, bem como os riscos de perdas na realização de tal missão de ressuprimento.

Com a intenção de munir o Comando da Unidade com as informações necessárias para evitar que o inimigo faça uso da surpresa, o Exército americano prevê o seguinte:

Normalmente, **o comandante emprega o pelotão de reconhecimento e equipes de caçadores fora do perímetro para a emissão de um alerta antecipado.** Alertas antecipados de ações inimigas garantem ao comandante tempo **para reagir a qualquer ameaça.** O comandante pode aumentar a segurança do perímetro com postos de observação do tamanho de um grupo de combate ou fração menor, e vigilância aérea à frente do perímetro, fornecido e controlado por unidades no perímetro. (EUA, 2017, pg 3-7, grifo nosso, tradução nossa)

Segundo a doutrina brasileira, para o correto desencadeamento de seus fogos, o apoio de fogo tem como premissas as seguintes tarefas:

- a) Prestar apoio de fogos à manobra: executar os tiros previstos, atendendo às necessidades do elemento apoiado.
- b) Apoiar o movimento pelos fogos: realizar tiros inopinados, atendendo às necessidades da flutuação do combate.
- c) Reduzir as capacidades do inimigo: executar fogos sobre instalações, órgãos ou tropas sensíveis do inimigo, trazendo vantagem tática à manobra.
- d) Executar fogos de interdição: executar fogos que impeçam ou dificultem o avanço inimigo.
- e) Executar fogos de precisão: proporcionar um efeito coordenado em alvo específico, mediante controle, correção e guiamento das trajetórias dos projéteis.
- f) Executar fogos com sincronização: organizar os fogos no tempo, no espaço e na finalidade para produzir o efeito desejado na hora e local determinados.
- g) **Realizar fogos com presteza: os fogos devem ser empregados de modo a atender plena e prontamente as necessidades das forças apoiadas** (Brasil, 2016, p. 5-2, grifo nosso)

Observando tais tarefas, observa-se que a presteza para a execução dos fogos é indiscutivelmente essencial. Por mais fortes e precisos que sejam os fogos, em nada contribuirão com as operações caso não sejam executados com a tempestividade necessária, o que nos leva a procurar como atender essa exigência com a atenção necessária. Tal busca nos conduz a uma ligação imediata com eficiência do comando e controle.

Não há apoio de fogo sem comunicações eficientes. O apoio de fogo deverá estar alinhado com as decisões tomadas no campo de batalha, de modo sincronizado. Tal afirmação tem grande relevância em virtude das dificuldades emanadas do caos oriundo do combate. Para isso, a excelência desta atividade depende diretamente do emprego de meios tecnológicos de Comando e Controle. (Brasil, 2015, 3-9)

Ao analisar os meios orgânicos de apoio de fogo de modo isolado de um Batalhão de Infantaria, e ao compará-los com os desafios a serem enfrentados por uma

tropa conduzindo uma defesa circular, que não apenas estabelece uma posição por não saber a direção de ataque de um inimigo, mas encarando também a possibilidade de encontrar-se cercada, percebe-se que seus meios são escassos para esta atividade. O apoio de fogo oriundo do Escalão Superior, bem como o apoio de fogo aéreo devem ser encarados como essenciais no planejamento de operações desta natureza.

2.1.4 A FUNÇÃO DE COMBATE FOGOS E A SUA INTEGRAÇÃO COM AS DEMAIS FUNÇÕES DE COMBATE

De acordo com a manual MF 10.102 Doutrina militar terrestre, a função de combate fogos envolve as diversas atividades que permitem o emprego coletivo e coordenado de fogos integrados por um processo de planejamento. (Brasil, 2014, p. 5-10).

As funções de combate possuem grande necessidade de se relacionarem entre si. Por mais que englobem atividades distintas, apenas o seu emprego em conjunto poderá propiciar ganhos para a Força Terrestre. (Brasil, 2015, p. 2-6).

Para um eficiente emprego dos fogos, deve haver a preocupação de integração dos com as demais funções de combate: **Movimento e Manobra, Comando e Controle, Inteligência, Proteção e Logística.**

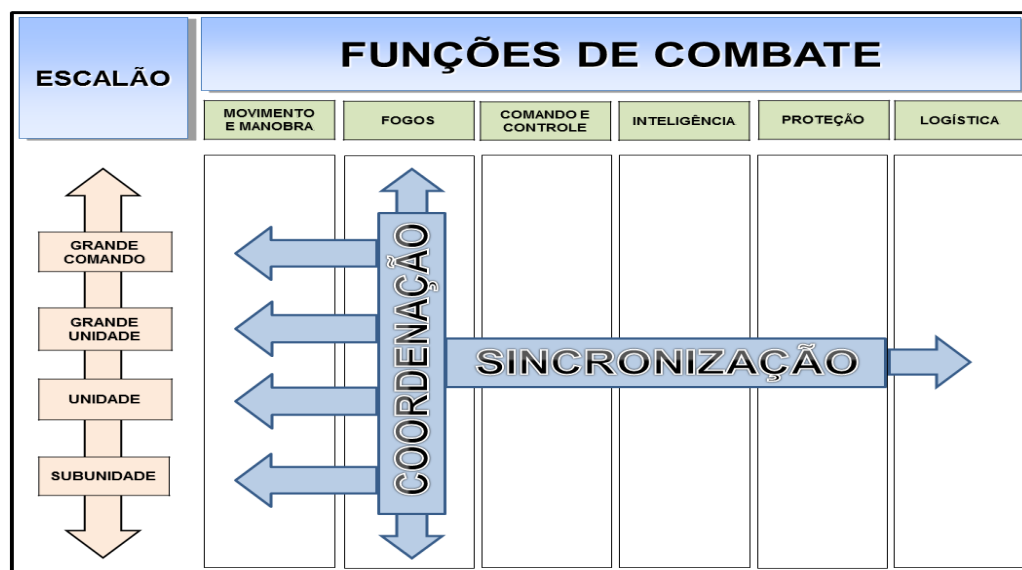


Figura 10: Relações dos Fogos com as Demais Funções de Combate
Fonte: BRASIL, 2015, p. 2-7

As funções de combate possuem grande necessidade de se relacionarem entre si. Por mais que englobem atividades distintas, apenas o seu emprego em conjunto poderá propiciar ganhos para a Força Terrestre. (Brasil, 2015, p. 2-6).

Em relação a integração dos fogos com o **movimento e manobra**, observamos que:

O emprego dissociado dos fogos e da manobra **reduz as possibilidades de sucesso** nas operações. Combinadas, essas funções de combate atuam com maior eficiência sobre as forças inimigas e promovem maior proteção às unidades amigas.(Brasil, 2015, p. 2-7, grifo nosso)

A partir desse trecho, observa-se que a manobra deve ser fortemente vinculada aos fogos, com a finalidade de ampliar as chances de sucesso .

Quanto a integração dos fogos com o **Comando e controle**, a doutrina brasileira prevê:

A organização das missões de comando e controle para a função de combate fogos é executada a partir de uma organização de pessoal, **inteligência em rede, comunicações e sistemas de automação** que facilitam o emprego eficiente dos fogos, o funcionamento das instalações e a aplicação dos procedimentos por um comandante e seu estado-maior para planejar, preparar, executar e **conduzir os fogos**.(Brasil, 2015, p. 2-7, grifo nosso)

Embora seja essencial a existência de meios capazes de transmitir nas mais diversas situações de combate, o material de comunicações por si só não garante o sucesso do Comando e Controle, essencial às operações, em especial à função de combate fogos. A preocupação com a sua correta exploração, deve ser constante alvo de avaliação em todos os níveis de comando.

Com a finalidade de facilitar as ações do decisor, a **função de combate inteligência** reúne um conjunto de tarefas e sistemas que elucidam uma melhor compreensão sobre o inimigo. Além da coleta de dados, a mesma constitui-se de um processo contínuo, a qual tem como subsídio a análise de informação a partir de todas as fontes disponíveis. (Brasil, 2015, p. 2-8)

Sobre a integração dos fogos com a inteligência, a doutrina brasileira prevê:

A função de combate inteligência apoia a função de combate fogos, fornecendo dados precisos, conhecimento atualizado, informações e assegurando que o plano de coleta de informação se integre ao plano de fogos. (Brasil, 2015, p. 2-8, grifo nosso)

Sobre a integração dos fogos com a proteção, a doutrina brasileira prevê:

A função de combate proteção constitui um conjunto de tarefas e sistemas que se destinam a preservar a força, a fim de possibilitar ao comandante o máximo poder de combate disponível para o cumprimento da missão. **Alguns sistemas da função de combate fogos também têm essa finalidade, como os fogos de proteção**, a contrabateria e a defesa antiaérea, contribuindo para a função de combate proteção no campo de batalha.(Brasil, 2015, p. 2-8, grifo nosso)

A relação entre os fogos e a logística, são vistos do seguinte modo:

A logística é importante para as unidades de apoio de fogo no sentido de que permitam a liberdade de ação e a possibilidade de durar na ação, ampliando o seu alcance operativo. Esse apoio permeia tarefas como apoio logístico, pessoal, serviços e saúde, assegurando aos comandantes das unidades de apoio de fogo os meios necessários ao cumprimento de sua missão. (Brasil, 2015, p. 2-8, grifo nosso)

A manutenção de um fluxo logístico adequado é algo complexo de ser realizado numa operação de defesa circular, principalmente se tratando de uma tropa que esteja cercada pelo inimigo. As dificuldades a serem enfrentadas pela cadeia logística podem eventualmente ocasionar a falta de ressuprimento.

Para que a tropa possa durar na ação, os comandantes logísticos devem prestar o apoio adequado em tempo hábil, para isso, devem se antecipar sobre as suas necessidades de fogos. (Brasil, 2015, p. 2-9)

2.2 ANÁLISE DE RESULTADOS EM CONFLITOS MILITARES

A necessidade de estudo de campanhas militares passadas tem grande relevância para aqueles que se preocupam com a operacionalidade de suas Forças militares

Segundo Collins in Jessup & Coakley (1988, p. ix), ao longo dos anos, o estudo da história militar teve seus altos e baixos no âmbito do Exército dos EUA. O estudo de operações anteriores teve grande influência na formação nas escolas militares até início da segunda guerra mundial. Após o final da 2ª GM, a mesma deixou de receber a atenção que recebera no passado. Acreditava-se que em virtude do crescimento da quantidade de informações as quais um Oficial deveria ter conhecimento, somados ao forte ritmo de inovações tecnológicas da época, havia tornado o estudo de experiências militares passadas como algo irrelevante. Em sua aposentadoria em 1970 como Chefe de História Militar, o Brig. Gen. Hal C. Pattison expressou sua preocupação ao Chefe do Estado maior do Exército, General William C. Westmoreland, sobre “a partida do Exército de sua confiança tradicional na experiência de história.” O general Pattison sugeriu que o Exército pagou o preço desta negligência em muitos dos problemas que encontrou no final dos anos 1960. Em 1971, militares do alto escalão do Exército dos EUA concluíram que havia realmente uma necessidade de estudo da história militar na

Exército para contribuir para " uma perspectiva ampliada, julgamento aguçado, maior percepção e expertise profissional. ”

2.2.1 A BATALHA DE IA DRANG

Dentro do escopo da guerra do Vietnã, conflito ocorrido entre os Estados Unidos da América e o Vietnã do Norte entre os anos de 1955 e 1973, ocorreu a batalha de Ia Drang, entre os dias 14 e 18 de novembro de 1965. Nesse período, a missão foi atribuída para duas Unidades “irmãs” – o 1º Regimento da 7ª Cavalaria (1º/7ª Cav), entre os dias 14 e 15 de novembro, e para o 2º Regimento da 7ª Cavalaria (2º/7ª Cav). Inicialmente, o 1º/7ª Cav havia recebido a tarefa de conduzir uma missão de “reconhecimento e destruição”, por meio de um assalto aeromóvel, no Vale de Ia Drang – Vietnã do Sul. Até então, os Estados Unidos da América e o Vietnã do Norte ainda não haviam se enfrentado numa Batalha de grandes proporções. (CASH; ALBRIGHT; SANDSTRUM, 1985, tradução nossa). Durante a atuação do 1º/7ª Cav, pouco tempo após o seu desembarque a tropa acabou sendo cercada por forças inimigas, tendo sido forçada a conduzir uma defesa circular, uma vez que estimava-se um confronto com cerca de 200 militares inimigos, no entanto, de modo fortuito, encontrou-se cercada por um efetivo que girava em torno de 3000 Soldados do Exército do Vietnã do Norte.

Conforme Cash (1985, p.6), o TC Harold G. Moore, Jr, comandante do 1º/7ª Cav, tinha em seus planejamentos a intenção de realizar o desembarque de seu Batalhão em apenas uma zona de desembarque (Zona de Pouso X-Ray), de maneira que caso houvesse um encontro com forças inimigas durante o pouso das aeronaves, toda sua força estaria disponível a responder, tornando a sua defesa mais eficiente. Com essa ação do Comandante do Batalhão, fica claro o emprego do princípio de guerra da massa, o qual pela doutrina militar brasileira tem a seguinte definição:

Compreende a concentração de forças para obter a superioridade decisiva sobre o inimigo, com qualidade e eficácia, no momento e local mais favorável às ações que se têm em vista, com capacidade para sustentar esse esforço, enquanto necessário. A aplicação desse princípio permite que forças, numericamente inferiores, obtenham superioridade decisiva no momento e local crítico. (Brasil, 2014, p. 5-4)

Na preparação para o combate, era perceptível a preocupação de seu comandante com os seus meios para intervenção no combate pelo fogo. Para o

combate, além dos três morteiros médios da Cia D, o Cmt ordenou que cada Cia de Fuzileiros conduzisse um morteiro médio:

“O coronel Moore instruiu cada Companhia de Fuzileiros a trazer um Morteiro 81 mm e uma carga máxima de munição e a Companhia D para trazer seus três Morteiros. Quando todas as Companhias tivessem desembarcado na Zona de desembarque X-RAY, seus morteiros deviam passar ao controle do pelotão de morteiros da Companhia D.” (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 10)

Havia uma grande preocupação de Moore quanto aos seus meios de apoio de fogo. Além dos meios de seu Batalhão, ele também contaria com apoio do Escalão Superior, bem como suporte aéreo. Para a operação, o 1º/7º Cav também receberia apoio de fogo de aeronaves e por uma bateria de artilharia:

Assim, às 17 horas do dia 13 de novembro, o coronel Brown ordenou sua primeira Comandante do Batalhão (1/7 Cav), Tenente Coronel Harold G. Moore, para executar um ataque aeromóvel ao Vale la Drang a nordeste do Maciço Chu Pong na manhã do dia 14, e conduzir operações de busca e destruição até novembro 15. Ele receberia 16 helicópteros para o ataque. **Suporte de fogo seria fornecido por duas baterias (12 canhões) do 1º Batalhão, 21ª Artilharia.** Eles estariam atirando em apoio da Zona de Pouso (LZ) FALCON, 9 km a leste da área de reconhecimento. **7 Helicópteros de combate com foguete de artilharia e apoio tático aéreo (Força Aérea) de asa fixa também estaria de prontidão.** (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 94)

O desembarque de sua Unidade na zona de pouso X-Ray ocorreu em diversas etapas, para que após todos estivessem infiltrados, a operação de busca e destruição pudesse efetivamente ter início dentro de território inimigo. Antes que todo o 1º/7ª Cav tivesse realizado o seu desembarque, a Unidade começou a ser engajada por tropas inimigas. Nas primeiras horas da batalha, um pelotão foi atraído para fora da zona de pouso X-Ray numa perseguição ao inimigo, e de modo simultâneo, tanto o Batalhão quanto o pelotão isolado foram cercados, forçando o 1º/7ª Cav a estabelecer uma defesa circular.

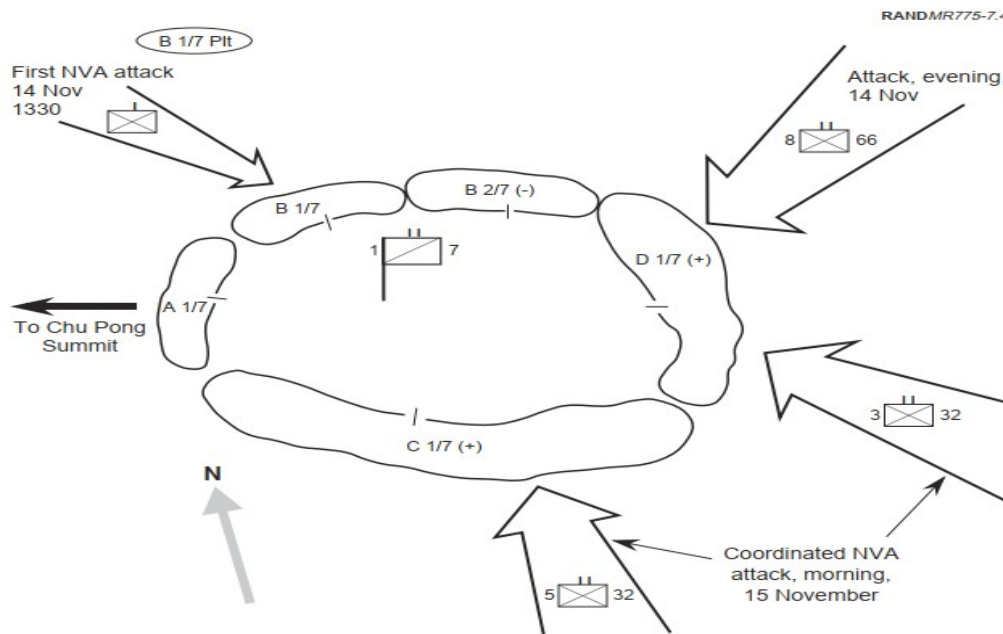


Figura 10: Zona de Pouso X-RAY, 14–15 Novembro de 1965
 Fonte: Builder; Banks; Nordin, p. 97.

Por volta das 17:00 hrs do dia 14 de novembro 1965, o TC Moore encontrava-se realizando três ações distintas. Encontrava-se com uma Força defendendo a Zona de pouso, com duas de suas Companhias de fuzileiros realizando ataques e um Pelotão isolado, lutando pela sua sobrevivência. (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 96)

Assim, às 17 horas do dia 13 de novembro, o coronel Brown ordenou sua primeira Comandante do Batalhão (1/7 Cav), Tenente Coronel Harold G. Moore, para executar um ataque aeromóvel ao Vale la Drang a nordeste do Maciço Chu Pong na manhã do dia 14, e conduzir operações de busca e destruição até novembro 15. Ele receberia 16 helicópteros para o ataque. **Suporte de fogo seria fornecido por duas baterias (12 canhões) do 1º Batalhão, 21ª Artilharia.** Eles estariam atirando em apoio da Zona de Pouso (LZ) FALCON, 9 km a leste da área de reconhecimento. **7 Helicópteros de combate com foguete de artilharia e apoio tático aéreo (Força Aérea) de asa fixa também estaria de prontidão.** (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 94)

Cabe ressaltar que para os eventos em tela, o Batalhão possuía um forte apoio de fogo orgânico, com peças adicionais em reforço. Tal situação seria muito importante para que todo o perímetro da defesa circular pudesse ser defendido:

À esquerda das seis metralhadoras M-60 ficava a posição onde **os oito morteiros de 81 mm do batalhão**, agora reabastecidos **com centenas de cartuchos de munição**, haviam se consolidado. **Desta posição, os morteiros poderiam suportar qualquer seção do perímetro** com seus projéteis alto explosivos. As equipes de morteiros não eram apenas responsáveis por seus

grandes tubos, mas também tinham que trabalhar como fuzileiros, ajudando a Companhia Delta a defender aquele lado do perímetro. (Moore, Galloway, 1992 p. 163, tradução nossa, grifo nosso.)

Na manhã do dia 15 de novembro de 1965, o 1º/7ª ao enfrentar constantes ondas de ataques inimigos, os meios de apoio de fogo orgânicos encontravam-se com muita dificuldade para cumprir as suas missões de tiro:

Enquanto coordenava com Gonzales, o Capitão Edwards percebeu que os morteiros não foram organizados de modo centralizado (...) Os morteiros foram incapazes de fornecer suporte de fogo eficaz, porque a fumaça, o barulho e a confusão tornou difícil para os observadores avançados ajustarem os tiros. A intensidade da luta aumentou, assim como o barulho. (Cash, Albright, Sandstrum, 1985, p. 18, tradução nossa.)

Devido às limitações de seus fogos orgânicos, na manhã do dia 15 nov 1965, o Cmt o 1º/7ª Cav havia percebido que tinha uma grande necessidade de utilizar a artilharia a sua disposição como um escudo contra os ataques inimigos:

Às 0755, Moore ordenou que todas suas tropas atirassem granadas de fumaça coloridas para que a artilharia terrestre, a artilharia aérea e os observadores aéreos táticos pudessem enxergar mais prontamente a periferia do perímetro, pois ele queria obter seu apoio de fogo o mais próximo possível. Assim que a fumaça foi lançada, os fogos de apoio foram trazidos para muito perto. Vários disparos de artilharia caíram dentro do perímetro, e um jato F-105, voando uma passagem noroeste-sudeste, lançou dois tanques de napalm dentro da área de defesa da Unidade, queimando alguns dos Homens, explodindo munições de M16 empilhadas na área e ameaçando detonar uma pilha de granadas de mão. Enquanto as tropas trabalhavam para apagar o fogo, o capitão Dillon correu para o meio da zona de pouso sob fogo e preparou um painel de cor cereja para que a aeronave de ataque pudesse identificar melhor o posto de comando. (Cash, Albright, Sandstrum, 1985, p. 32, tradução nossa)

Neste episódio, no qual observou-se um grande esforço e coordenação entre Unidades amigas, reitera-se a grande relevância dos meios de Comando e Controle, visando não apenas o emprego dos fogos, mas também a prevenção ao fratricídio. Em virtude da necessidade da proximidade dos fogos de apoio em relação à frente da Unidade, situação que deve ser levada em consideração na situação de uma defesa circular, a sincronização com a Função de Combate fogos por meio de comunicações eficientes é algo fundamental. Conforme mostrado na situação acima descrita, mesmo dispondo de meios avançados para essa tarefa, baixas em virtude de fogo amigo foram inevitáveis, uma vez que estas ações tendem a ocorrer de forma muito veloz. Quaisquer

protocolos muito rígidos que envolvam cadeias de comando extensas entre os pedidos de fogos e a sua execução devem ser evitados a qualquer custo, tornando o tempo entre a solicitação de apoio e a execução propriamente dita a mais eficiente e dinâmica, na medida do possível.

Uma importante observação do Comandante do 1º/7ª Cav foi que durante a sua inserção ao combate e aos momentos que o seguiram, **o seu sistema de Comando e Controle foi utilizado de maneira sobrecarregada para controlar, muito mais do que para comandar**. Tal situação, não foi favorável ao cumprimento de suas missões para a destruição das forças inimigas. (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 98, *grifo nosso, tradução nossa*)

As intensas comunicações entre o Escalão superior e o TC Moore foram prejudiciais para o exercício do Comando durante o desenrolar do combate:

O tráfego era incessante, caótico e quase inteiramente dedicado a manter o controle da situação. Circunstâncias forçaram Moore a usar sua frequência de rádio na tentativa de salvar seu batalhão - o que ele fez, mas ao fazê-lo foi impedido de usar seu sistema de Comando e Controle para comandar: para desenvolver e comunicar um novo conceito, que permitiria que ele impusesse sua vontade ao inimigo. (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 101, *grifo nosso, tradução nossa*)

Com o decorrer da Batalha, a aniquilação de sua tropa parecia iminente. O 1º/7ª resistiu em sua posição defensiva ao ataque de 3 Batalhões e de uma Companhia de Infantaria inimigas, em virtude de seu forte apoio de fogos, em especial os meios não orgânicos em apoio à suas operações, o Batalhão foi capaz de repelir as ondas de ataque em seu perímetro:

Durante a manhã do dia 15, a Companhia C, defendendo o lado sul do perímetro do X-Ray, sofreu um ataque feroz ao amanhecer. Pouco tempo depois, a Companhia D, defendendo o quadrante sudeste do perímetro, também sofreu um ataque pesado. A luta foi tão próxima que o fogo inimigo atravessou toda a zona de pouso. **Usando grandes quantidades de artilharia e apoio de fogo**, as forças de Moore estagnaram, e em seguida, repeliram o ataque do Exército do Vietnã do Norte (NVA). Às 10:00 horas, a forte tentativa do NVA de invadir o perímetro falhou e os ataques cessaram. (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 98, *grifo nosso, tradução nossa*)

Ao fim de 2 dias de combate, 80 militares americanos morreram e 124 ficaram feridos na ação da zona de pouso X-Ray. (Galloway, 2002, p.3)

Nessa fase do combate, a extraordinária capacidade dos meios de apoio de fogo dos Norte-Americanos era evidente para os Norte-Vietnamitas. Conforme Swick (2013), para neutralizar esse fator de desequilíbrio no combate em favor de suas forças, General Norte-Vietnamita Vo Nguyen Giap desenvolveu a tática chamada “agarrá-los pela fivela do cinto”. Nessa tática as suas forças deveriam a todo custo aproximarem-se das tropas Norte-Americanas, de modo que os seus meios de apoio de fogo não pudessem ser utilizados, uma vez que provocariam o risco de fratricídio para as suas tropas.

Os comandantes norte-vietnamitas disseram que aprenderam como lutar contra os americanos e como superar o poder de fogo dos EUA desenvolvendo uma tática que chamaram de "agarrá-los pela fivela do cinto". Eles seguiriam em frente por meio de bandos mortais de artilharia americana e ataques aéreos até que a luta fosse corpo a corpo e as chances fossem iguais. (GALLOWAY, 2009, tradução nossa)

Houve naquele momento, a percepção de que a Força defensora, por mais que dispusesse de meios inferiores, poderia alterar os rumos da batalha explorando a tentativa de neutralização do emprego dos meios de apoio de fogo da força atacante, mesmo que fossem incapazes de fisicamente destruí-los.

Na manhã do dia 16/11/1965, ocorreu a exfiltração do 1º/7ª Cav. Na sequência, o 2º/7ª Cav, comandado pelo TC McDade, assumiu a responsabilidade de manter a zona de pouso X-Ray. Foram realizados planejamentos para se realizar bombardeios no local, e a área deveria ser abandonada para isso. Uma nova Zona de Pouso seria ocupada. A Zona de Pouso Albany. Para isso, o Batalhão iniciou um deslocamento à pé entre esses locais. Em virtude de uma falta de planejamento adequado quanto ao reconhecimento da Zona de Pouso Albany, não foi enviada uma tropa para reconhecimento de modo destacado, tendo a mesma apenas tendo sido colocada à frente da coluna de marcha. Durante a ocupação de Albany, o Batalhão começou a receber fogos de tropas vietnamitas. Em virtude da grande proximidade com as tropa inimigas, a apoio de fogos não poderia realizar seus fogos indiretos. A Batalha pela Zona de pouso Albany foi a batalha que causou o maior número de baixas em um único dia em toda a guerra do Vietnã, 151 mortos e 121 feridos (Gwin, 1999 apud Henry 2014, p.23, tradução nossa). Segundo Galloway (2002, p. 3), a maioria dessas baixas ocorreram num espaço de tempo de seis horas de combates.

Dentre todos os princípios de guerra segundo a Doutrina Militar Brasileira, destaco sobre o princípio da Segurança. Conforme o manual MF 10.102 Doutrina Militar Terrestre, observamos que:

Consiste nas medidas essenciais à liberdade de ação e à preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da F Ter, tendo por finalidades: negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento; impedir que ele interfira de modo decisivo em nossas operações; e restringir-lhe a liberdade de ação nos ataques a pontos sensíveis de nosso território ou de nossas forças. - **Nunca permita que o inimigo obtenha uma vantagem inesperada.** (Brasil, 2014, p. 2-3, grifo nosso)

Tendo o Comandante do 2º/7ª Cav negligenciado o princípio de guerra da Segurança, ao não reconhecer adequadamente o terreno, por mais que houvesse à sua disposição uma ampla gama de meios para o apoio de fogos, o seu emprego não foi possível, repercutindo em pesadas baixas para as suas tropas:

Durante a batalha na zona de pouso Albany, o TC McDade e 2º/7ª CAV **negligenciaram o reconhecimento**, controle e bom senso. O segundo princípio de patrulhamento, o reconhecimento, é definido como “A responsabilidade de confirmar o que você acha que sabe, e descobrir aquilo que você não sabe.” O negligenciamento do reconhecimento ocorreu quando o TC McDade ordenou que o pelotão de reconhecimento se deslocasse como um elemento à frente na coluna do batalhão ao invés de atuar como elemento avançado, separado da coluna do batalhão. O TC McDade optou por se deslocar para a zona de pouso com seus Comandantes e Estado-Maior antes que reconhecimento fosse concluído e antes que a Zona de pouso fosse formalmente ocupada. Esta foi uma negligência adicional deste princípio. **Como resultado, os subordinados do TC McDade foram incapazes informá-lo um quadro da Zona de Pouso Albany antes da ocupação ou solicitar fogos na zona de pouso no momento em que o pelotão de reconhecimento descobriu o inimigo.** (DALLAS, HENRY, 2014, p.23, tradução nossa, grifo nosso)

Tais eventos são capazes de demonstrar que numa situação onde Batalhões com as mesmas características e capacidades operacionais tiveram desfechos muito diferentes em situações de combate, devido a principalmente a sua capacidade de emprego do apoio de fogos, na execução de uma defesa circular

2.2.2 LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE A BATALHA DE IA DRANG, SOB O PONTO DE VISTA DE UM VETERANO DA BATALHA

Com a intenção de buscar por informações que pudessem contribuir do modo mais significativo e fidedigno possível no decorrer do presente pesquisa, este autor envidou esforços na procura por veteranos da Batalha do Vale la Drang, que pudessem

agregar conhecimento ao trabalho em tela com a sua experiência de combate. Neste escopo, o Coronel (Reserva) do Exército dos EUA Ramon Antonio Nadal, foi voluntário para contribuir com a sua vivência na Guerra do Vietnã, uma vez que o mesmo, entre outras atribuições, desempenhou a função de Comandante do Companhia durante o desembarque na Zona de Pouso X-Ray, na Batalha do Vale la Drang.



Figura 11: Cap Nadal – Período da guerra do Vietnã (à esquerda) / Cel (reserva) Nadal – atualmente (à direita).
Fonte: THARP, Mike.

Ao ser perguntado sobre quais meios de apoio de fogo a sua Unidade possuía para a Operação, se recebeu apoio oriundo do escalão superior, e como o mesmo ocorreu, o Coronel Nadal respondeu:

A primeira pergunta que você fez foi sobre quais meios de apoio de fogo nosso Batalhão possuía na Batalha da Zona de Pouso X-Ray? **A resposta é nós tínhamos muito.** Antes de nosso desembarque na Zona de Pouso, 2 baterias de artilharia haviam sido designadas para nos apoiar. **Uma Bateria era de 105 mm e outra bateria era de 155 mm.** Nós também tínhamos um Pelotão de Morteiros de 81 mm, que eram orgânicos do Batalhão. De modo adicional, nós também tínhamos **apoio de helicópteros de ataque, bem como de caças da Força Aérea.** Como éramos uma Unidade Aeromóvel, e fomos “leves” para o combate, os morteiros designados para as Companhias de Infantaria foram consolidados em nossa Companhia de Apoio ao Combate. **Entretanto, nós não levamos muita munição para esses morteiros, e muito rapidamente ficaram sem munição.** A Zona de Pouso **foi preparada por fogos de artilharia e de helicópteros de ataque antes de nosso desembarque.** Eles (os inimigos) estavam na linha de crista observando o desembarque ocorrer, e de modo

subsequente, lançaram seus ataques da montanha Chu Pong, onde tinham cobertura da floresta, sob a qual se escondiam. (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*).

Do trecho acima descrito, verificamos a grande importância dada pela sua Unidade para os meios de apoio de fogo, vistas as condicionantes que a seu Batalhão poderia enfrentar. Ressalto a grande importância dada aos meios de apoio de fogo não orgânicos de seu Batalhão. A Artilharia e o apoio aéreo tiveram papel fundamental nessa situação. O apoio de fogo orgânico, principalmente pelas dificuldades de ressuprimento oriundos das peculiaridades de uma Defesa Circular, logo sofreu com a escassez de munição.

Ao ser perguntado se a sua Unidade tivesse que depender apenas do apoio de fogo oriundo de seu Batalhão (por exemplo: Pelotão de Morteiros), se a defesa circular que realizou teria sucesso, e por qual motivo, sua resposta foi a seguinte:

Se tivéssemos que depender de nossos morteiros orgânicos nós estaríamos todos mortos. Você precisa se lembrar que haviam 400 Soldados Americanos numa Zona de Pouso e aproximadamente 2000 Soldados inimigos bem treinados nos atacando por dois dias e meio. (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*)

Nessa situação, cabe ressaltar que a sua Unidade enfrentou as mais diversas peculiaridades de uma Operação de Defesa Circular. A necessidade de estar preparado para uma situação na qual a tropa se encontre cercada pela inimigo, logo, a de estar preparada para combater em todas as direções, constitui uma missão de alta complexidade. Tal situação denota que um Batalhão, de modo imperativo, necessita de forte apoio de fogo oriundo do Escalão superior para o cumprimento de suas missões.

Ao descrever como ocorreu o apoio de fogo de sua Unidade durante a execução da Defesa Circular, bem como sobre a relação entre o Comando e Controle e apoio de fogo, o Coronel Nadal compartilhou a seguinte experiência:

Antes de nosso desembarque, durante a emissão da ordem de operações, o plano de apoio de fogo havia sido desenvolvido e brifado com os Comandantes de Companhia e com nossos Observadores avançados. **Naquele momento, eu e os demais não percebemos que tínhamos apenas uma frequência com a qual poderíamos nos comunicar com os elementos de apoio de fogo disponíveis.** Isso eventualmente se tornou um grande problema para mim e meu Observador Avançado, porque **a única frequência ficou congestionada**, com os Observadores Avançados das Companhias de Fuzileiros todos tentando chamar por fogos de artilharia ao mesmo tempo. **Recomendo que esse seja**

um importante ponto de ensino do Exército Brasileiro para os seus Oficiais. No Posto de Comando de nosso Batalhão, nós tínhamos um Capitão de artilharia que era o coordenador de apoio de fogo do Batalhão. O seu trabalho era atribuir prioridade de fogo às várias Companhias e monitorar a rede de rádio de direção de fogos. Meus problemas surgiram quando o Observador Avançado da Companhia Bravo começou a solicitar missões de fogo durante contato pesado e meu Observador Avançado não conseguia interromper para solicitar missões de fogo. (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*)

Do presente trecho, observamos que não menos importante do que os meios de apoio de fogo propriamente ditos, a sua coordenação deve merecer atenção especial. As grandes dificuldades encontradas nesse tipo de combate, irão gerar grande fluxo de comunicações na rede-rádio da Unidade. O estabelecimento de medidas para que esse tipo de efeito seja mitigado, como a criação de canais individuais para que os Comandantes das Companhia de Fuzileiros possam solicitar apoio de fogo, não podem ser em hipótese alguma negligenciados.

Pelo ponto de vista do Coronel Nadal, baseado em sua experiência de combate, ao ser perguntado sobre a existência de fatores que favoreceriam o sucesso do apoio de fogo de um Batalhão numa Defesa Circular, respondeu que:

O principal fator que determina o sucesso do apoio de fogo é que se tenha o bastante dele. Isso significa que a organização que controla a alocação do apoio de fogo forneça meios suficientes para apoiar a operação planejada. Em nosso caso, nós havíamos pré-posicionado uma Bateria de 155 mm e uma Bateria de 105 mm as quais foram levadas por helicópteros Chinook para posições entre 8 e 10 mil metros de distância (da zona de pouso), antes que o assalto tivesse sido iniciado. Elas haviam iniciado fogos de preparação poucos minutos antes que a primeira leva de desembarque de Soldados chegasse à Zona de Pouso. Felizmente para nós, havia poucos inimigos na Zona de Pouso quando as primeiras levas chegaram. O inimigo reagiu rapidamente, e as levas subsequentes receberam fogos a caminho da zona de Pouso, e muitos Soldados e Oficiais foram feridos. Uma das lições que deve ser aprendida é sobre como controlar os fogos de preparação enquanto os helicópteros estão pousando e desembarcando Soldados na Zona de Pouso. **Outra Lição aprendida é para que o Comando estabeleça uma rede de comunicações adequada para que mais de uma Companhia possa receber apoio de fogo ao mesmo tempo.** Outro fator é o apoio de fogo fornecido pela Força Aérea. Naquele momento da batalha da Zona de Pouso X-Ray, **o Batalhão tinha um Oficial da Força Aérea designado como Coordenador de apoio aéreo para a Unidade, o qual encontrava-se em solo conosco.** Antes do assalto aéreo, nós havíamos estabelecido contato com a cadeia de comando da Força Aérea para que

estivessem prontos para apoiarem a nossa inserção e vôos subsequentes. O Apoio da Força Aérea pode ser muito útil preparando a área em volta da Zona de Pouso para a inserção de tropas. O apoio de fogo de caças da Força Aérea e da Marinha foram muito importantes no sucesso de nossas Forças nessa batalha. **Uma das principais lições aprendidas foi que os velhos e lentos caças propelidos por hélices foram os mais eficazes ao prover apoio de fogo**, pois conseguiam aproximar as suas armas de modo preciso e perto suficiente de nossas linhas de frente, onde o inimigo encontrava-se durante o volume do combate. **Os Jatos, em virtude do erro circular provável de seus sistemas de armas, não foram capazes de aproximarem suas armas perto o suficiente de nossas linhas de frente para matar o inimigo, sem que também acertassem nossas tropas.** (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*)

Como principal fator responsável pelo sucesso do apoio de fogo do Batalhão durante a execução de uma defesa circular, elencado pelo Coronel Nadal, foi que o mesmo seja planejado de modo que possa atender a uma alta demanda de solicitação de fogos. Para que tal situação ocorra, a interatividade entre a artilharia, aviação e comando e controle evidencia-se como fator indissociável para a solução dos problemas militares de um Batalhão imerso nesse tipo de Operação.

Ao ser perguntado sobre quais deveriam ser as maiores preocupações que um Comandante de Unidade deve ter no tocante ao apoio de fogo em Operações defensivas, respondeu que:

Primeiramente, que haja bastante apoio de fogo. Em segundo lugar, que seja posicionado num local perto o suficiente para cobrir a Zona de Pouso, bem como uma distância significativa além dela, de modo que os fogos alcancem as Zonas de Reunião inimigas. (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*)

Perguntado se gostaria de contribuir com a presente pesquisa com algo que não havia sido perguntado sobre o tema, ressaltou que:

É muito importante que todos Oficiais e Graduados sejam adequadamente treinados para ajustar fogos de artilharia. Em nossa Batalha, tivemos a ocasião onde um de nossos pelotões ficou encurralado pelo inimigo, e preso sozinho no campo de batalha. O inimigo atacou continuamente aquela posição, e a cadeia de comando foi morta até que o comando foi assumido por um jovem sargento, que sabia o suficiente para ajustar os fogos de artilharia em volta de seu perímetro, e redistribuir munição. Ele manteve a maioria de seus Homens vivos pelo resto da noite, até que fosse resgatado no dia seguinte. (NADAL, Ramon, 2021, *tradução nossa, grifo nosso*)

Tal relato demonstra a grande relevância que deve ser dada à preparação do material humano para as Operações. Seria um grande erro depositar todo o sucesso no combate aos meios e a tecnologia superior. O nível de instrução de seus militares foi um fator preponderante para a sobrevivência daquela fração.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como escopo a busca de informações e experiências que possam contribuir com soluções a problemas militares originados na complexa situação onde um Batalhão encontrar-se-á isolado em território inimigo, estando em condições de defender-se em todas as direções, situação na qual o seu apoio de fogo passa a ter uma importância muito elevada.

No entanto, preocupar-se exclusivamente com esse meio de intervenção no combate não seria suficiente, uma vez que a função de combate fogos deve integrar-se com as demais funções de combate, para que o sucesso seja alcançado.

Há um conhecido jargão dentre os militares do Exército Brasileiro o qual diz que “tática não é matemática”, o qual enuncia muito bem que as soluções para problemas militares não possuem forma fixa, dependendo de inúmeros fatores para que a melhor solução seja alcançada. A busca na compreensão das especificidades que envolvem a natureza de determinada operação, e a posterior identificação desses fatores, podem propiciar o encontro de soluções cada vez mais adequadas.

Para isso, nada melhor do que analisar a nossa doutrina em relação a de outros exércitos, compará-las, e explorar as experiências de campanhas militares no decorrer da história militar. Mais importante do que explorar as vitórias, é a compreensão dos motivos do fracasso de uma determinada Força, uma vez que de lá podem ser extraídos as verdadeiras lições aprendidas, das quais podem ser gerados frutos para as futuras vitórias, e a preservação de nossas tropas.

4. CONCLUSÃO

Da análise do material doutrinário acerca do tema, observa-se que grande parte da doutrina de emprego brasileira e dos Estados Unidos da América aparentar ser bem semelhantes, no entanto, existem alguns pontos que merecem certa atenção. A missão de apoio de fogo dentro do nível Batalhão de Infantaria é nitidamente revestida de grande relevância pelos EUA, uma vez que além de um pelotão de morteiros de constituição semelhante a de nosso Exército, existe a sua disposição uma “Companhia de armas” com uma ampla gama de materiais a sua disposição. De modo a otimizar as suas capacidades, o conceito de emprego conhecido por “**arms room concept**”, demonstra-se como muito oportuno, uma vez que a modularidade existente em sua essência favorece ao emprego de diversas soluções aos problemas militares encontrados num ambiente de combate volátil, incerto, complexo e ambíguo. Tal modularidade, oferece ao comandante uma melhor capacidade de intervir no combate de modo mais eficaz, de acordo com a especificidade de cada missão.

Quanto a análise do emprego de tropas em defesa circular no Vale la Drang, mostram-se como fatores de extrema importância e influência nos rumos do combate, em especial, ao apoio de fogo dentro do escopo de uma defesa circular:

- A necessidade de apoio de fogo oriundo do Escalão Superior;**
- **A capacidade do exercício de Comando e Controle;**
- A Correta exploração da função de combate inteligência;**
- A obediência ao princípio de guerra da segurança, e**
- A necessidade do adestramento quanto aos procedimentos de designação de alvos por todos os Oficiais e Graduados das Companhias de Fuzileiros.**

Por meio das observações no decorrer dos combates no Vale la Drang, foi nítida a importância da utilização dos meios de apoio de fogo para a manutenção da integridade do 1º/7º Cav, na Zona de pouso X-Ray. Os fogos foram utilizados como verdadeiros “escudos” contra os ataques inimigos. Sem eles, aquela Unidade certamente não teria sobrevivido. Tal afirmação, pode ser analisada pela ótica dos trágicos fatos ocorridos com o 2º/7º, na Zona de pouso Albany, o qual teve um destino trágico, uma vez que encontrou-se numa situação na qual não pode empregar os meios de apoio de fogo à sua disposição, embora fossem praticamente os mesmos que dispunham a sua Unidade “irmã”, tendo sido praticamente aniquilado. O grande aprendizado tirado dessa situação foi a verificação de bater o inimigo sempre o mais distante possível, evitando a inutilização dos meios por risco de fratricídio. O Comandante das tropas Norte Vietnamitas teve essa percepção, e procurou explorá-la

ao máximo, na tentativa de desequilibrar o combate a seu favor. A necessidade de bons planejamentos e compreensão do ambiente de combate, demonstraram a influência do domínio da tática e suas repercussões na batalha.

A posse de meios, por mais avançados ou em quantidade superior não são a garantia de vitória, conforme foi demonstrado. O modo de emprego e a compreensão sobre as minúcias desse tipo de operação devem receber especial atenção, conforme explorado no presente pesquisa.

Com relação ao fato histórico em tela, ficou evidenciado que os meios de apoio de fogo do Batalhão seriam incapazes de prestar o apoio necessário à demanda oriunda da defesa circular. Além da Unidade contar com **8 morteiros 81 mm**, foi notória a importância dos meios em apoio **provenientes do Escalão Superior**, em especial ao **apoio de artilharia e ao apoio de fogo aéreo**, visando a sobrevivência daquela tropa.

Conforme relatos do Coronel Nadal (então Capitão Nadal), Comandante de Companhia durante o desembarque na Zona de Pouso X-Ray, uma de suas maiores preocupações no desenrolar dos combates seria que os fogos de artilharia não fossem capazes de prestarem o seu apoio. (MOVE, 2019)

A necessidade de que todos os Oficiais e Graduados saibam solicitar e ajustar fogos de Apoio é algo que deve ser considerado de alta relevância. A instrução nesse quesito é algo que deve ser exaustivamente treinado. Tal fato foi responsável pela sobrevivência de um Pelotão isolado no Vale la Drang.

Uma vez observada a grande necessidade do uso de meios de apoio de fogo, a utilização de **meios situados fora do perímetro** do local de onde se realiza a defesa circular, além de prestarem um melhor apoio à tropa empenhada naquela missão em virtude de sua proteção física, reduzem a necessidade de transporte logístico numa região de alto risco para os meios de transporte.

É fato de que as comunicações são peça fundamental para que qualquer apoio às tropas na linha de frente possam solicitá-los, e conseqüentemente, recebê-los. O Comando e Controle constitui as bases para o emprego de qualquer exército moderno. Conforme observado no combate no vale la Drang, os sistemas foram empregados muito mais para Controlar do que para comandar, sobrecarregando o sistema, conseqüentemente, prejudicando a eficiência no decorrer das operações, uma vez que a **consciência situacional do comandante pode vir a ser afetada.** (Cash, 1985 apud Builder; Banks; Nordin, 1999, p. 98)

O reflexo de uma boa consciência situacional pode ter influência decisiva no campo de batalha. Conforme Nadal, o então Tenente-Coronel Hal Moore havia

percebido que não possuía efetivo para guarnecer a totalidade do perímetro, dando prioridade a setores os quais julgava mais importantes, segundo o seu estudo de situação. Em sua decisão, sem outra alternativa, deixou um setor vulnerável. O Comandante das tropas do Vietnã do Norte havia percebido que havia uma brecha no perímetro defensivo dos americanos. Foi enviado um Batalhão no intuito de atacar aquele flanco desguarnecido, no entanto, o mesmo foi incapaz de realizar tal ação em virtude de ter se perdido no caminho. (MOVE, 2019) Caso tal ataque houvesse se concretizado, apenas pelos fogos poderiam ser repelidos, ressaltando a importância da **correta exploração dos meios de Comando e Controle**.

Para um eficiente emprego dos fogos de apoio, foi demonstrado ser imprescindível um **constante e ininterrupto estudo de situação**, de modo a ser capaz de antever as ações inimigas, prever concentrações de fogos, e ser capaz de interferir no combate no momento certo.

A correta exploração da obtenção de dados sobre o inimigo mostraram-se essenciais. Dados oportunos sobre a sua localização auxiliaram na sua neutralização dentro da tempestividade necessária dentro de um combate dinâmico. A sua ausência, evidenciada ao ignorar o reconhecimento na Zona de pouso Albany, pelo 2º/7º Cav, nos fornece essa valiosa lição aprendida.

Numa análise do caso histórico citado no presente trabalho, bem como das comparações realizadas quanto aos manuais militares acerca do tema no âmbito do Exército brasileiro e do Exército dos Estados Unidos da América, este autor vem a propor a inclusão do item (5) “*Considerações a serem tomadas quanto ao planejamento e emprego do apoio de fogo*”, e., 5-40 no manual de campanha C 7-20, visando a complementação da doutrina vigente acerca do tema. Tal inclusão constitui-se da proposta constante no ANEXO B do presente trabalho, a ser incluída na Pág 5-100 do referido manual.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-20: Batalhões de Infantaria**. 4.ed. Brasília: EGGCF, 2007.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **C 7-15: Companhia de Comando e Apoio**. 3.ed. Brasília: EGGCF, 2002.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB20-MF-10.002: Doutrina Militar Terrestre**. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.202: Operações Ofensivas e Defensivas**. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2017.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB70-MC-10.223: Operações**. 5.ed. Brasília: EGGCF, 2017.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.205: Comando e Controle**. 1.ed. Brasília: EGGCF, 2015.

BRASIL. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.206: Fogos**. 1.ed. Brasília: EGGCF, 2015.

EUA . Department of the Army. **ATP 3-21.20 Infantry Battalion**. USA: Army Doctrine Publication, 2017.

EUA. Department of the Army. **ADP 3-90 Offense and Defense**. USA: Army Doctrine Publication, 2019.

EUA. Department of the Army. **FM 3-0 Operations**. USA: Army Doctrine Publication, 2017.

EUA. GALLOWAY, Joe. **A reporter's journal from hell**, by Joe Galloway. The digital journalist, 2002.

EUA. JR, John E. Jessup; COAKLEY, Robert W. **A Guide to the Study and Use of Military History**. Center of Military History, United States Army, Washington, DC., 1988

EUA. HENRY, J. Dallas. **The Battle at LZ Albany**. Infantry, April-June 2014.

EUA. BUILDER, Carl H.; BANKES, Steven C.; NORDIN, Richard. **Command Concepts – A Theory Derived from the Practice of Command and Control**. Rand Corporation, 1999.

EUA. CASH, J. A.; ALBRIGHT, J.; SANDSTRUM, A. W. **Seven firefights in Vietnam**. Office of the Chief of Military History, United States Army, Washington, DC, 1985.

MOORE, H. G.; GUARDIA, M. **Hal Moore on Leadership: Winning When Outgunned And Outmanned**. Maple Grove, MN: Magnum Books, 2002.

GALLOWAY, Joe, **"We Were Soldiers...."**, 2009, Disponível em: <https://www.army.mil/article/30187/we_were_soldiers>. acesso em 22 jul. 2021.)

SWICK, Gerald, **Commander Dossier: Gen. Vo Nguyen Giap**, 2013, disponível em: <<http://armchairgeneral.com/commander-dossier-gen-vo-nguyen-giap.htm>> acesso em 22 jul. 2021.

"MOVE to the sound of the guns": A Culture Of Dedicated Leadership On The Battlefield, At West Point, And In The Army. Produção de West Point Department of History. Entrevistador: David Siry [EUA]: 2019. (3:17 hr), disponível em: <<https://www.westpointcoh.org/interviews/move-to-the-sound-of-the-guns-a-culture-of-dedicated-leadership-on-the-battlefield-at-west-point-and-in-the-army>>, acesso em 22 jul 2021.

MOORE, H. G.; GALLOWAY, J. L. **We Were Soldiers Once... and Young**. New York, Harper Perennial, 1992.

NADAL, Ramon Antonio, Questions about fire Support on Perimeter Defense – Capt Brazilian Army. 03 ago 2021. Enviada às 15:10. Mensagem para Gabriel Alencar <alencar1911@gmail.com>. Apêndice A.

THARP, Mike. Battle of Ia Drang. 2016. Disponível em: <<https://www.aarp.org/home-family/voices/veterans/info-2016/battle-of-ia-drang.html>>. Acesso em 03 ago 2021.

APÊNDICE A – Perguntas ao Cel (reserva) Ramon Antonio Nadal, do Exército dos EUA

Dear respected Colonel Ramon Antonio Nadal,

I'm Captain Gabriel Pinto de Alencar – Infantry – Brazilian Army. I'm attending to the Brazilian Army maneuver course here in Brazil, Rio de Janeiro – RJ.

As part of the program, in making a research about the "Infantry's Battalion fire support on perimeter defense: a description about the factors that can lead to success in the operations."

First of all, I would like to say that it's a great honor for me in conducting this research with the assistance of a such experienced war veteran. Thank you very much for this opportunity.

On your Combat experience, specially about the events occurred in the Ia Drang Valley in Vietnam, on November 1965, I would like to address you a few questions. Please, feel free to contribute anyway you want.

- 1) During the battle occurred on LZ X-Ray, which fire support assets did your battalion have for the operation?
- 2) During the battle occurred on LZ X-Ray, did your battalion receive fire support from the upper echelon? (howitzers, air support) Could you describe how it was developed?
- 3) Do you believe that if your Unit could rely only on the Battalion's fire support (i.e: mortar platoon), the perimeter defense would be successful? Why?
- 4) Could you explain how the fire support occurred during the perimeter defense?
- 5) In your experience, what's the relation between Command & Control and Fire support?
- 6) In your experience, do you believe that there are factors that favor the success of fire support on the battalion's perimeter defense? Which would they be? (i.e: necessity of fire support from the upper echelon, Command & Control, Intelligence, principles of war, etc)

7) What are the greatest concerns that a Battalion commander should have about the fire support on defensive operations?

8) Please, feel free to share your combat experience on the subject:

1/2. The first question you asked was what fire support assets did our Battalion have at the Battle of LZ X-Ray? The answer is we had a lot. Prior to our landing at the LZ, 2 batteries of artillery had been and emplaced to support us, one battery was 105 mm and the other battery was 155 millimeters. We also had a platoon of 81 mm mortars that were organic to the battalion. Additionally, we had helicopter gunships as well as Air Force fighter' support.

Because we were an airmobile unit and traveled light the mortars that were assigned to the Infantry company's were consolidated in our combat support company. However, we did not carry much ammunition for those mortars and they quickly ran out of ammunition. The Landing Zone was prepared by artillery fire and helicopter gunships prior to our Landing. however, the enemy was not there when the fire support was used at the time we landed. They were at the ridgeline watching the landing take place and subsequently launched their attacks from Chu Pong mountain where they had jungle cover. under which to hide.

2/3. Had we have to depend on our organic mortars to provide fire support we would all be dead. You need to remember that there were 400 American soldiers in the landing Zone and close to 2000 well-trained enemy soldiers attacking us for two and a half days.

4/5. Prior to the landing, during the issuing of the operation order, the fire support plan had been developed and briefed to the company Commanders and our forward observers.. At this time, I and others failed to realize that we only had one frequency With which to communicate to the fire support elements available. This eventually became a big problem for myself and my forward Observer because the one frequency became jammed with the forward Observers from the rifle companies all trying to call for artillery fire at the same time. I recommend that this be a Brazilian Army major teaching point for your officers.

At Our Battalion Command post, we had an artillery Captain who was the Battalion Fire support coordinator. His job was to assign priority of fires to the various companies and monitor the battalion's fire direction radio net..My problems arose when the Bravo

Company forward Observer started calling fire missions during heavy Contact and my forward Observer could not break end in to call a fire mission.

6. The main factor that determines the success of fire support is that there is enough of it. This means that the organization that controls the allocation of fire support provides enough assets to support the planned operation..In our case, we had pre-positioned a 155 mm Battery and a 105 battery which were been flown in by Chinook helicopters to locations between 8 and 10 thousand meters away before the air assault started. They started preparatory fires a few minutes before the first lift of soldiers arrived at the Landing Zone. Fortunately for us, there were few enemies on the landing zone when the first few lifts arrived. The enemy reacted quickly and the latter lifts did receive enemy fire on the way into the landing Zone.. and several soldiers and officers were wounded. One of the lessons that has to be learned is how to control the preparatory fires while helicopters are landing and dismounting soldiers into the landing Zone.. Another lesson learned is for the headquarters to establish an adequate communications net só that more than one company can be receiving fire support at the same time. Another element the fire support is that provided by the Air Force. At the time of the battle of LZ X-ray the Battalion had an Air Force officer assigned as an air support coordinator to the unit. who was on the ground with us. Prior to the air assault, he had established contact with the Air Force chain of command to be ready to support our insertion and subsequent fight. Air Force support can be very helpful a preparing the area around the landing Zone for the insertion of the troops. Unfortunately, we did not use it in that manner because we had not expected to find enemy on the landing Zone. Air Force and Navy fighter fire support was quite important in the success of our forces in this battle. One of the primary lessons learned was that the old slow propeller-driven Fighters were the most effective at providing fire support because it could accurately deliver the weapons close enough to our front lines which is where the enemy was during the bulk of the fight.. The Jets, because of the circular error probable of their weapon systems were not able to deliver the weapons close enough to our front lines to kill the enemy .without also hitting our troops.

7.First, That there is enough of it. Secondly, that it will be emplaced at a location close enough to cover the landing Zone and a significant distance beyond it so the fires can reach enemy assembly areas.

8. It is very important that every officer and non-commissioned officer be adequately trained to adjust artillery fire. In our battle, we had the occasion where one of our platoons was cut off by the enemy and stranded alone in the battlefield. The enemy continuously attacked the position and the chain of command was killed until command evolved to a young buck sergeant. Who assumed command and who knew enough to adjust artillery fire around the perimeter and to redistribute ammunition. He kept most of his men alive for the remainder of the night until he was relieved the following day.

ANEXO A – Apoio de Fogo na Defesa Circular [5-40, ITEM (e)]: uma proposta de atualização do C 7-20

5-40 PLANEJAMENTO

e. Apoio de fogo- O emprego das armas de apoio orgânicas e em reforço, são, de um modo geral, idênticos ao de uma defesa de área.

(1) As metralhadoras dos elementos em reserva podem ser empregadas no LAADA, para reforçar a defesa no perímetro.

(2) As armas anticarro são normalmente, empregadas no LAADA para bater alvos de diversas natureza, reforçando os fogos das demais armas.

(3) Os CC em reforço ao Btl podem ser mantidos em zona de reunião, integrar a reserva ou serem colocados em posição de tiro no LAADA. Mesmo quando empregados como reserva, são preparadas posições de tiro principais e suplementares para os carros, de modo a bater todas as Via A e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos contra-ataques.

(4) O emprego das armas de tiro indireto deve permitir bater o inimigo o mais longe possível do LAADA e em qualquer direção. Os fogos disponíveis para o batalhão, provenientes de armas de apoio localizadas fora do perímetro, devem ser coordenados e integrados no plano de defesa da unidade.

(5) Considerações a serem tomadas quanto ao planejamento e emprego do apoio de fogo

(a) Em virtude das peculiaridades de uma Operação de Defesa Circular, devem ser envidados esforços para que haja uma forte coordenação e sincronização entre os fogos de apoio do Batalhão de Infantaria, com fogos de Artilharia e de aviação. (Baseado nas informações citadas no item 2.2.2. do presente trabalho)

(b) Devem ser estabelecidos canais de comunicação independentes para a solicitação de fogos de apoio entre os Comandantes das Companhias de Fuzileiros e o apoio de fogo disponível para a operação, visando evitar congestionamento na rede-rádio. (Baseado nas informações citadas no item 2.2.2. do presente trabalho)

(c) Todos os Oficiais e Graduados devem possuir pleno conhecimento sobre os procedimentos de designação de alvos e ajuste de fogos de Artilharia para o sucesso das operações de Defesa Circular. (Baseado nas informações citadas no item 2.2.2. do presente trabalho)

(d) Com a finalidade de negar ao inimigo o uso do princípio de guerra da surpresa, o comandante deve empregar elementos de reconhecimento e equipes de caçadores fora do perímetro para a emissão de um alerta antecipado. Alertas antecipados de ações inimigas garantem ao comandante tempo para reagir a qualquer ameaça. (Baseado na pg. 3-8 do manual ATP 3-21.20 INFANTRY BATTALION - EUA)

(e) O comandante pode aumentar a segurança do perímetro com postos de observação do tamanho de um grupo de combate ou fração menor, e vigilância aérea à frente do perímetro, fornecido e controlado por unidades no perímetro. (Baseado na pg. 3-7 do manual ATP 3-21.20 INFANTRY BATTALION - EUA)

(f) O comandante pode aumentar a segurança do perímetro com postos de observação do tamanho de um grupo de combate ou fração menor, e vigilância aérea à frente do perímetro, fornecido e controlado por unidades no perímetro. (Baseado na pg. 3-7 do manual ATP 3-21.20 INFANTRY BATTALION - EUA)

Legenda:

Texto – permanece inalterado

Texto – deverá ser acrescentado